

CAPÍTULO 3

Trajетórias de Vida Antes, Durante e Após a Universidade: Os Desafios de Chegar, Permanecer e Concluir com Qualidade

Rodrigo Ednilson de Jesus

3.1 Nossos passos vem de longe!

Quase todo pesquisador da área de Ciências Humanas já se deparou, ao menos uma vez ao longo da carreira, com os dilemas éticos em torno do modo de se referir aos sujeitos participantes de seu trabalho de investigação. Identificá-los ou não? Como escolher os codinomes: recorrendo a números, letras, nomes escolhidos aleatoriamente ou de modo intencional? Há, no campo de pesquisa, um relativo consenso em torno da crença de que a não identificação dos sujeitos tende a diminuir os riscos potenciais a que esses sujeitos estariam expostos após a divulgação dos resultados. Neste estudo também nos defrontamos com esta questão. A pergunta que nos fizemos no momento de tomada desta decisão foi: em que medida, na tentativa de não produzir danos aos sujeitos participantes desta pesquisa, estamos reproduzindo situações históricas de invisibilidade de suas histórias e de suas culturas? E quando, em razão das desigualdades históricas a que foram submetidos, os sujeitos revelam a intenção ou o desejo de que suas histórias, seus nomes e suas imagens, ganhem o mundo e diminuam, ao menos, parte da invisibilidade a que foram submetidos? Diante desta questão, optamos

por duas estratégias diferentes, porém complementares. Ao mesmo tempo em que apresentamos parte¹⁰ de nossos entrevistados com seus nomes reais, seus corpos, cabelos, sorrisos e familiares no Capítulo 1, apresentamos todos aqueles que foram entrevistados ao longo da pesquisa identificados por codinomes.

10 Como já mencionamos anteriormente, dos (33) trinta e três entrevistados pela pesquisa, 15 (quinze) aceitaram ser identificados nesta publicação, o que explica a existência de quinze textos de perfis identificados no primeiro capítulo deste livro. Por essa razão, os quinze entrevistados apresentados no primeiro capítulo reaparecerão na listagem dos 33 (trinta e três) entrevistados que serão re-apresentados no presente capítulo, identificados, desta vez, por meio de codinomes.

Reafirmando Direitos: Trajetórias de Estudantes Cotistas Negras(as) no Ensino Superior Brasileiro

Tabela 14: Breve Caracterização dos entrevistados

	Codônimo	Ano de conclusão	Procedência	Curso	Universidade	Cor/raça	Pós-graduação	Atuação profissional
1	Antonieta de Barros	2017	Brasília (DF)	Turismo	UNB	Preta	Não	Não
2	Auta de Souza	2017	Brasília (DF)	Psicologia	UNB	Parda	Não	Não
3	Cruz e Souza	2013	Paranaíba (MS)	Direito	UEMS	Preta	Mestrado em Educação UEMS	Servidor Público
4	Lélia Gonzales	2013	Uberaba (MG)	Ciência Política	UNB	Preta	Mestrado em Sociologia UNB	Servidora Pública
5	Abdias do Nascimento	2016	São Gonçalo dos Campos (BA)	Economia	UEFS	Preta	Mestrado em Economia UFBA	Estudante
6	Maílde Ribeiro Beatriz	2011	Salvador (BA)	Ciências Sociais	UFBA	Afro-indígena	Mestrado em Arqueologia - UFS	Presta serviços na área ambiental
7	Nascimento	2012	São Félix (BA)	Serviço Social	UFRB	Preta	Não	Assistente social – Servidora pública
8	Ruth de Souza	2017	Piauí	Serviço Social	UFPI	Amarela	Não	Operadora de Call Center
9	Sueli Carneiro	2008	Sergipe	Pedagogia	UFAL	Preta	Mestrado em Educação	Professora
10	André Rebouças	-	Natal (RN)	Pedagogia	UFRN	Preta	Não	Assessor parlamentar
11	Carolina Maria de Jesus	2016	Macatba (RN)	Gestão de Cooperativas	UFRN	Preta	Não	Integra a direção de um sindicato de trabalhadores rurais
12	José Correa Leite	2017	Natal (RN)	Ciências Sociais	UFRN	Preta	Não	Não
13	Milton Santos	2015	Santa Luzia (MA)	Comunicação Social-Jornalismo	UFMA	Preta	Mestrado em Integração Contemporânea da América Latina - ICAL	Não
14	Lima Barreto	2016	Mazagão (AP)	Ciências sociais	UNIFAP	Preta	Especialização em ensino de Sociologia no Ensino Médio	Não
15	Zózimo Bulbul	2014	-	Licenciatura em Química	UEAP	Preta	Doutorado em Ciências Farmacêuticas	Assistente Administrativo
16	Mário de Andrade	2012	-	Licenciatura em Matemática	UFTA	Preta	Não	Professor da Educação Básica e Superior
17	Aleijadinho	2017	-	Licenciatura em Artes Visuais	UFAM	Parda	Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas/UFAM	Bolsista
18	Elizabeth Cardoso	2008	Nova Iguaçu (RJ)	Nutrição Engenharia Ambiental e Urbana	UERJ	Preta	Doutorado em Educação em Ciências e Saúde/UFRJ	Professora Assistente da UFRJ
19	Zumbi dos Palmares	2014	Duque de Caxias (RJ)	Engenharia Ambiental e Urbana	UFABC	Preta	Mestrado em Planejamento e Gestão do Território /UFABC	Não
20	Maria Firmina dos Reis	2013	Belo Horizonte (MG)	Direito	UFMG	Preta	Especialização em Processo Civil e Novo CPC Faculdade Arnaldo	Assistente Judiciário

Reafirmando Direitos:
Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

21	Solano Trindade	2016	Duque de Caxias (RJ)	Ciências Sociais	UFF	Preto	Mestrado em Educação/UERJ	Não
22	Maria Auxiliadora da Silva	2011	Viana (MA)	Biblioteconomia	UFSC	Preta	Especialização privada concluída	Arquivista em escritório contábil Contratada pela Secretaria Estadual de Saúde do RS
23	Thereza Santos		Porto Alegre (RS)	Psicologia	UFRGS	Preto	Mestranda cotista em Saúde Coletiva/UFRGS	Professora ACT
24	Esperança Garcia Clementina de Jesus	2015	Curitiba (PR)	História	UFPR	Preta	Mestranda em História/UDESC	Professora em Curso
25		2016	Curitiba (PR)	Enfermagem	UFPR	Preta	Especialização privada em curso	Técnico Contratada pela Secretaria Estadual de Saúde do RS
26	Luíza Máhin		Porto Alegre (RS)	Psicologia	UFRGS	Preta	Mestranda cotista em gestão de saúde/UFRGS	
27	Tia Ciata	2015	Porto Alegre (RS)	Ciências Biológicas	UFRGS	Preta	Mestranda em Educação/UFRGS	Bolsista
28	Teodoro Sampato	2014	Rio do Sul (SC)	Engenharia Elétrica	UFSC	Preta	Doutorando em Engenharia Elétrica	Bolsista
29	Teresa Cristina	2013	Curitiba (PR)	Ciências Sociais	UFPR	Parda	Mestrando em Educação	Professora ACT
30	Verdiano Freitas	2013	Ijuí (RS)	Fonoaudiologia	UFSC	Preta	Especialização privada concluída	Atendimento domiciliar
31	Joaquim Barbosa		Teófilo Otoni (MG)	Direito	FURG	Preto	Mestrando cotista em Direito/ FURG	Bolsista
32	Juliano Moreira		Londrina (PR)	Medicina	UFSC	Preta	Especialização em Medicina Estética	Médico contratado em posto de saúde
33	Luiz Gama	2013	Florianópolis (SC)	Direito	UFSC	Preta	Doutorando em Direito/UFSC	Advogado

3.2 Heróis e Heroínas de Todo o Mundo

Temos clareza de que a opção que fizemos, de escolher codinomes de personalidades negras para identificar os sujeitos entrevistados, nos trouxe muita satisfação, e pudemos perceber, a partir de algumas mensagens de resposta à mensagem eletrônica em que compartilhamos o relatório preliminar de pesquisa, que nossa escolha havia sido acertada. Os codinomes de nossos entrevistados foram escolhidos a partir da lista de personalidades constantes no Programa Heróis de todo mundo que, segundo o próprio site, é uma série de interprogramas que quer mostrar ao público comum que aqui mesmo, no Brasil, existem Heróis. Heróis porque quebraram barreiras (*vide* Quadro 1), que venceram apesar dos enormes obstáculos enfrentados, que lutaram por uma vida melhor para todos. Ah! E são negros.

Quadro 1 – Minibiografia dos Heróis e Heroínas de todo o mundo

01 - **Antonieta de Barros** nasceu em Florianópolis, Santa Catarina, em 11 de julho de 1901. De família muito pobre, ainda criança ficou órfã de pai, sendo criada pela mãe. Ingressou com 17 anos na Escola Normal Catarinense, concluindo o curso em 1921. Em 1922, fundou o Curso Particular Antonieta de Barros, voltado para alfabetização da população carente. Antonieta de Barros notabilizou-se por ter sido a primeira deputada estadual negra do país e primeira deputada mulher, do estado de Santa Catarina.

02 - **Auta de Souza** nasceu em 1876, no município de Macaíba, Rio Grande do Norte. Seus pais morreram quando ela era criança e Auta foi criada pelos avós maternos em Recife. Educada em colégio católico, rapidamente aprendeu Francês, Literatura, Inglês, Música e Desenho. Em razão do diagnóstico de tuberculose, aos 14 anos, Auta teve que deixar o colégio, tornando-se autodidata. Em 1894, ela começaria a escrever para a revista “Oásis”, de circulação restrita, pois era veículo do grêmio literário Le Monde Marche.

03 - Em 24 de novembro de 1861, nasceu João da **Cruz e Souza**, na antiga Desterro, hoje Florianópolis, capital de Santa Catarina. Filho de um casal de forros do Marechal Guilherme, teve uma educação esmerada. Frequentou as melhores escolas de Florianópolis, tornando-se jornalista e professor. Foi defensor da causa abolicionista e percorreu o Brasil em campanha contra a escravidão. Sua poesia, naquele momento, refletia suas posições políticas. Publicou os livros “Missal e Broquéis”, lançados, simultaneamente, em 1893.

04 - Nascida em Belo Horizonte em 1935, filha de um ferroviário com uma mulher de origem indígena, **Lélia Almeida González** foi para o Rio de Janeiro na década de 40. Graduiu-se em História e Filosofia, fez mestrado em Comunicação, doutorado em Antropologia e foi uma militante constante da causa da mulher e do negro no Brasil. Professora de várias universidades e escolas importantes. Seu último cargo acadêmico foi o de Diretora do Departamento de Sociologia e Política, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

05 - **Abdias do Nascimento** nasceu em 14 de março de 1914 em Franca, município no interior do Estado de São Paulo. Em 1938, diplomou-se em Economia pela Universidade do Rio de Janeiro. Foi um dos criadores do Teatro Experimental do Negro, foi poeta, participou do movimento integralista, foi ator e escultor. Pelo conjunto de sua obra e vivência, é considerado um ícone da luta contra a discriminação racial.

06 - A militante do movimento negro e do feminismo, **Matilde Ribeiro**, nasceu em uma família de baixa renda e ainda jovem se filiou ao PT. Após participar da equipe da campanha vitoriosa nas eleições presidenciais de 2002, ela foi convidada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva para integrar o primeiro-escalão do governo em março de 2003. Foi Ministra-chefe da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), que tem status de ministério.

07 - Intelectual, pesquisadora e ativista, **Beatriz Nascimento** nasceu em Aracaju, em 12 de julho de 1942, filha da dona de casa Rubina Pereira do Nascimento e do pedreiro Francisco Xavier do Nascimento. Ela e seus dez irmãos migraram com a família para o Rio de Janeiro na década de 1950. Aos 28 anos, iniciou o curso de graduação em História, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), formando-se em 1971. Esteve à frente da criação do Grupo de Trabalho André Rebouças, em 1974, na Universidade Federal Fluminense (UFF), compartilhando com estudantes negros universitários do Rio e de São Paulo a discussão da temática racial na academia e na educação em geral.

08 – **Ruth de Souza** é uma atriz carioca, que iniciou sua carreira em 1945, no Teatro Experimental do Negro. Estudou teatro e foi assistente de direção nos Estados Unidos. No Brasil, participou de mais de 25 filmes, 30 novelas e 20 peças teatrais, além de outros trabalhos em televisão. Primeira atriz negra a se apresentar no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Ruth de Souza recebeu do governo brasileiro, em 1988, diploma e insígnias como comendadora da Ordem do Rio Branco, por sua contribuição à arte brasileira.

09 - Doutora em Filosofia da Educação, **Sueli Carneiro** é pesquisadora do CNPq e diretora do Geledés - Instituto da Mulher Negra, além de colunista de “Afirmar”. O Geledés tem como objetivo desenvolver um trabalho político e jurídico para a melhoria da situação geral do negro no país e, em específico, da mulher negra. Sueli é também responsável pelo Programa de Direitos Humanos – SOS Racismo, braço jurídico do Geledés, onde uma equipe de advogados oferece assistência legal gratuita a vítimas de discriminação racial em São Paulo.

10 - **André Pinto Rebouças** nasceu na Bahia, em 1838. Seu pai – filho de uma forra e de um alfaiate português – era um proeminente advogado (rábula), deputado e conselheiro de D. Pedro I. Sua mãe era filha de comerciante. André, filho primogênito do casal Antônio e Carolina, formou-se em Engenharia pela Escola Central do Exército em 1860, no Rio de Janeiro. Na Europa, especializou-se em fundações e obras portuárias e foi uma das maiores autoridades brasileiras em engenharia ferroviária e hidráulica e escreveu ainda diversos artigos de cunho técnico, ligados aos diversos ramos da engenharia.

11 - **Carolina Maria de Jesus** nasceu no interior de Minas Gerais, em Sacramento, no dia 14 de março de 1914. Vinda de uma família extremamente pobre, tinha mais sete irmãos e precisou de trabalhar cedo para ajudar no sustento da casa. Por isso, estudou apenas até o segundo ano primário. Na década de 30, mudou-se para São Paulo e foi morar na favela do Canindé. Ganhava seu sustento e de seus três filhos catando papel. No meio do lixo, Carolina encontrou uma caderneta, onde passou a registrar seu cotidiano de favelada, em forma de diário. Descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, repórter da “Folha da Noite”, Carolina teve suas anotações publicadas em 1960 no livro “Quarto de Despejo”, que vendeu mais de cem mil exemplares.

12 - **José Correia Leite** nasceu no dia 23 de agosto de 1900, em São Paulo. Vindo de uma família muito pobre, começou a trabalhar cedo. Foi entregador de marmitas, lenheiro e cocheiro. Autodidata, teve incentivo de uma antiga patroa, professora, para que estudasse sozinho. Tornou-se um dos expoentes do movimento negro brasileiro. Aos 24 anos, junto com Jayme de Aguiar, fundou o jornal “O Clarim”, rebatizado posteriormente de “O Clarim d’Alvorada”, onde atuou como diretor responsável, redator, repórter e gráfico. Foi um dos mais ativos nomes do movimento negro brasileiro e um dos fundadores, em 1931, da Frente Negra Brasileira.

13 - **Milton Santos** é considerado o maior geógrafo brasileiro. Recebeu mais de 20 títulos de doutor honoris causa, escreveu mais de 40 livros e cerca de 300 artigos científicos. Lecionou nas mais conceituadas universidades da Europa e das Américas e foi o único estudioso fora do mundo anglo-saxão a receber a mais alta premiação internacional em sua especialidade, o Prêmio Vautrin Lud (1994), considerado o Nobel da Geografia. Milton Santos também foi o primeiro negro a obter o título de professor-emérito da Universidade de São Paulo.

14 - Afonso Henrique de **Lima Barreto** nasceu no Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1881, filho de um tipógrafo e de uma professora, ambos mulatos. Optou, inicialmente, pela carreira de engenheiro, mas precisou abandonar o curso em 1902, para assumir a chefia e o sustento da família. A família mudou-se, então, para o subúrbio do Engenho de Dentro. Foi nesse período que começou a escrever na imprensa carioca, colaborando com o “Correio da Manhã”, “Jornal do Commercio”, “Gazeta da Tarde” e “Fon- Fon”.

15 - **Zózimo Bulbul** nasceu em 1937, no Rio de Janeiro. Fazer cinema e televisão foi seu ofício. Foi ator, cineasta e roteirista. Iniciou carreira nos anos 1960, nos áureos anos do Cinema Novo no Brasil. A estreia no cinema aconteceu no início dos anos 1960, no filme “Cinco Vezes Favela”. Em final dos anos 1960, tornou-se o primeiro negro a ser protagonista de uma novela brasileira, ao participar da novela “Vidas em Conflito”, na extinta TV Excelsior, fazendo par romântico com Leila Diniz. Zózimo é considerado um dos ícones negros dos anos 1960 pelos trabalhos na televisão e no cinema.

16 - **Mário Raul Moraes de Andrade** nasceu em 9 de outubro de 1893, em São Paulo, filho de Carlos Augusto de Andrade e Maria Luisa Leite de Moraes. De família abastada, era afrodescendente por parte de pai e mãe. Suas avós, Manuela Augusta de Andrade e Ana Francisca de Andrade, eram primas entre si. Mário de Andrade foi poeta, romancista, folclorista, crítico de várias artes, músico e pesquisador musical. Durante três décadas, foi o maior símbolo da vanguarda brasileira e um dos maiores renovadores da vida cultural e intelectual de nosso país. Formado em música no conservatório de São Paulo, tornou-se professor catedrático da mesma. Nos anos 1930, criou o Departamento Municipal de Cultura, onde sua atuação política estava voltada para a disseminação de bibliotecas públicas. Também participou da elaboração do IPHAN, na época designado de Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

17 - **Antônio Francisco Lisboa**, o **Aleijadinho**, nasceu em Ouro Preto, Minas Gerais, em 1730, filho da escrava Isabel com seu senhor, o mestre de obras português Manuel Francisco Lisboa. Cresceu na oficina do pai, onde começou a aprender desenho, arquitetura e ornamentos, demonstrando especial interesse por escultura e entalhes. É considerado um dos maiores expoentes do Barroco Mineiro e o maior artista brasileiro do século XVIII. Sua obra se distribui por cidades como Ouro Preto, São João del Rey, Mariana, Tiradentes e Congonhas. Seus mais importantes trabalhos – como os 12 profetas esculpidos em pedra sabão e as 66 figuras em cedro que reproduzem os passos da Paixão de Cristo, da Igreja de Bom Jesus de Matosinhos – estão em Congonhas do Campo.

18 - **Elizeth Cardoso** nasceu no Rio de Janeiro, em 16 de julho de 1920. De família pobre, foi balconista, cabeleireira e operária de uma fábrica de sabão. Sua família era intimamente ligada à vida cultural da Praça Onze e costumava frequentar a Casa de Tia Ciata, mesmo morando em Jacarepaguá. Aos 16 anos, em sua festa de aniversário, foi descoberta por Jacob do Bandolim. O convite para fazer um teste na Rádio Guanabara teve a oposição inicial de seu pai. Ainda assim, Elizeth se apresentou no dia 18 de agosto de 1936, no Programa Suburbano, ao lado de Vicente Celestino, Araci de Almeida, Moreira da Silva, Noel Rosa e Marília Batista. Na mesma semana, foi contratada pela rádio. Dona de uma voz exuberante, Elizeth ganhou apelidos como A Divina, A Magnífica, Enluarda e Lady do samba. A cantora carioca também foi responsável pela consagração de vários sambistas na década de 1960.

19 - **Zumbi** nasceu em Palmares, em 1655, e era neto da princesa Aqualtune, filha de um importante rei do Congo. Ainda bebê, Zumbi foi aprisionado pela expedição de Brás da Rocha Cardoso e entregue ao padre Antônio Melo, em Porto Calvo. Recebeu o nome de **Francisco** e uma educação formal. Aos 10 anos, já sabia Latim e Português e, aos 12, tornou-se coroinha. Com 15 anos, Francisco fugiu de volta a Palmares, adotando o nome de Zumbi e passando a fazer parte da Família Real, pois foi adotado pelo então rei Ganga Zumba. Entre 1596 e 1716, os palmarinos resistiram a 66 expedições coloniais, tanto de portugueses como de holandeses. De todos os líderes da resistência negra, dois se tornaram conhecidos: Ganga Zumba e Zumbi. Zumbi, porém, foi o líder mais famoso da confederação de quilombos de Palmares, que se estendia pelos territórios atuais de Alagoas e Pernambuco.

20 - **Maria Firmina dos Reis** nasceu na ilha de São Luís do Maranhão, em 11 de outubro de 1825, filha de João Pedro Esteves e Leonor Felipe dos Reis. Em 1830, mudou-se para a Vila de São José de Guimarães, município de Viamão. Em 1847, concorreu à cadeira de Instrução primária no município de Viamão, sendo aprovada. Nessa região, exerceu a profissão como professora de primeiras letras, de 1847 a 1881. Em 1859, publicou o que é considerada sua principal obra e um dos primeiros romances abolicionistas da literatura brasileira “Úrsula”, em que narra a condição da população negra no Brasil. Obra classificada como um dos primeiros escritos de uma mulher negra brasileira e com forte imersão em elementos da tradição africana.

21 - **Francisco Solano Trindade** nasceu em Recife, PE, em 24 de julho de 1908. Filho da quituteira Emerenciana e do sapateiro Manoel Abílio, viveu em um lar católico, apesar de seu pai incorporar entidades às escondidas. Estudou até o equivalente ao Segundo Grau, pois chegou a frequentar o curso de desenho no Liceu de Artes e Ofícios. Poeta, ativista político e artista múltiplo, a trajetória de Solano Trindade foi marcada pela valorização da estética negra e da cultura afro-brasileira. Politicamente, sempre se colocou ao lado da população negra mais pobre, denunciando, através de sua arte, principalmente, a discriminação e o racismo.

22 - **Maria Auxiliadora da Silva** nasceu em 24 de maio de 1935, em Campo Belo, MG. Era de uma família de 18 irmãos, filhos de Dona Maria, uma humilde bordadeira, que acumulava ainda as funções de dona de casa, escultora e pintora e de trabalhadora braçal da estrada de ferro Oeste de Minas (Rede Mineira de Viação- RMV). Mudou-se com a mãe e seus irmãos para São Paulo, na esperança de melhores oportunidades que a capital paulista podia oferecer. Pintora autodidata, sua pintura buscou representar seu cotidiano através de muitos temas. Sua obra é reconhecida pela crítica internacional, principalmente, por retratar temáticas tipicamente brasileiras e por expressar atos de resistência pessoal (contra a sua doença) e social, pois revela em suas pinturas o cotidiano da população mais pobre.

23 - Registrada com o nome de **Jaci dos Santos**, escolheu o nome artístico de **Thereza Santos**: teatróloga, atriz, professora, filósofa, carnavalesca e militante pelas causas dos povos africanos da diáspora e dos afro-brasileiros. Thereza Santos nasceu no dia 7 de julho de 1938, em uma família numerosa. Percebeu muito cedo os efeitos da discriminação racial e, impactada por essa descoberta, vislumbrou a participação na Juventude Comunista uma alternativa para resolução de questões como miséria e discriminação. Porém, teve dificuldades em tratar a questão racial, e sempre recebia a resposta dos integrantes de que a questão era social e não racial. Por sua relação com o PCB, foi presa nos anos 1970. Ao ganhar liberdade, Thereza deixou o Brasil e optou por morar no continente africano, durante aproximadamente cinco anos, onde trabalhou como educadora, contribuindo para a reconstrução cultural de Angola, Cabo Verde e Guiné-Bissau.

24 - **Esperança Garcia**, sem data certa de nascimento, foi uma mulher negra escravizada em posse dos padres jesuítas, que, com a expulsão destes pelo Marquês de Pombal, passaram-na à administração do governo do Piauí. Em 6 de setembro de 1770, dirigiu uma petição ao Presidente da Província de São José do Piauí, Gonçalo Lourenço Botelho de Castro, denunciando os maus-tratos físicos de que ela e seu filho eram vítimas, por parte do feitor da Fazenda Algodões. Dentre as diversas leituras concebíveis da referida petição, é possível constatar, em fins do século XVIII, a existência de mulher negra escravizada alfabetizada e ciente de sua possibilidade de reivindicar o direito a um tratamento mais humanizado. Cabe salientar, nesse período, que quem fosse flagrado ensinando escravizado a ler era preso e, ou processado.

25 - Clementina de Jesus da Silva, a **Clementina de Jesus**, ou, como os amigos carinhosamente a chamavam, Quelé, nasceu, provavelmente, na comunidade de Carambita, bairro da comunidade de Valença, município localizado no Sul do Estado do Rio de Janeiro. Há divergências quanto à data de seu nascimento, pois alguns pesquisadores consideram o dia 7 de fevereiro de 1901 e outros a data de 17 de fevereiro de 1902. Seu pai foi mestre de capoeira e violeiro. Com a mãe, aprendeu os cantos de trabalho, partido-alto, ladainhas, jongos e pontos de macumba. No ano de 1968, Clementina, ao lado de Pixinguinha e João da Baiana, participou da gravação do LP “Gente da antiga” e do LP “Mudando de conversa”, ao lado de Ciro Monteiro e Nora Ney, ambos pela gravadora Odeon. Já consagrada, no ano de 1970, Clementina lançou um LP individual cujo título é “Clementina, cadê você?”.

26 - Em *Rebelião Escrava no Brasil – A história do levante dos Malês de 1835*, João José Reis afirma que não há indício que vislumbre a existência de uma mulher com o nome Luiza em quaisquer listas de presos por envolvimento no levante. Embora saliente que é possível ter havido participação feminina na revolta, o historiador desconhece fontes que comprovem tal atuação. Em síntese, destaca: O personagem **Luiza Mahin**, então, resulta de um misto de realidade possível, ficção e mito (REIS, 2003, p. 301-304) tem 2007 e 2012. Aqueles que asseguram sua existência se baseiam principalmente numa carta redigida por seu filho – carta escrita pelo poeta e abolicionista Luiz Gama ao amigo Lúcio Mendonça, ou em obras como a escrita por Pedro Calmon – “Malês, a insurreição das senzalas”. Não se sabe se Luiza nasceu na Costa Mina, na África, ou na Bahia, no Brasil. Pertencia à nação nagô-jeje, da tribo Mahin, daí seu sobrenome, nação originária do Golfo do Benin, noroeste africano que, no final do século XVIII, foi dominada pelos muçulmanos, vindos do Oriente Médio. Tornou-se livre por volta 1812, comprando sua liberdade e sobreviveu trabalhando como quituteira em Salvador. Segundo seu filho, Luiz Gama, Luiza teria sido princesa na África.

27 - Hilária Batista de Almeida, a **Tia Ciata**, nasceu na Bahia em 1854. Aos 22 anos, mudou-se para o Rio de Janeiro, no êxodo que ficou conhecido como diáspora baiana. No Rio, formou nova família ao se casar com João Baptista da Silva, funcionário público com quem teve 14 filhos. Como todas as baianas da época, era grande quituteira. Começou a trabalhar colocando o seu tabuleiro na Rua Sete de Setembro, sempre vestida de baiana. Com tino comercial, também alugava roupas típicas para o teatro e para o carnaval. Mãe-de-santo respeitada, Hilária foi confirmada no santo como Ciata de Oxum, no terreiro de João Alabá, na Rua Barão de São Felix, onde também ficava a casa de Dom Obá II e o famoso cortiço Cabeça de Porco. Em sua casa, as festas eram famosas. Sempre celebrava seus orixás, sendo as festas de Cosme e Damião e de Nossa Senhora da Conceição as mais prestigiadas. Mas também promovia festas profanas, nas quais se destacavam as rodas de partido-alto. Era nessas rodas que se dançava o miudinho, uma forma de sambar de pés juntos, na qual Ciata era mestra.

28 - **Teodoro Sampaio** nasceu em 1855 na cidade de Santo Amaro, Bahia. Era filho de uma escrava do engenho Canabrava e, supostamente, do sacerdote Manoel Fernandes Sampaio, que o alforriou no batismo. Há quem registre, no entanto, que seu pai era o senhor de engenho Francisco Antônio da Costa Pinto. O próprio Teodoro, porém, jamais revelou publicamente a verdadeira identidade de seu pai. Em 1886, Teodoro integrou a Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, como 1º Engenheiro e Chefe de Topografia. No governo de Prudente de Morais (1890), assumiu a chefia dos Serviços de Água e Esgoto da cidade de São Paulo. A partir da década de 1890, Teodoro ganhou reconhecimento intelectual cada vez maior, devido, entre outros fatores, a sua participação na comissão que organizou a Escola Politécnica de São Paulo.

29 - **Teresa Cristina** Macedo Gomes, nascida no Rio de Janeiro em 28 de fevereiro de 1968, é cantora. Sua carreira começou em 1998, quando ela reuniu os músicos Bernardo Dantas, João Callado, Pedro Miranda e Ricardo Cotrim com o objetivo de fazer um show em homenagem a Candeia. O projeto acabou não acontecendo, mas, naquele mesmo ano, ela começou a se apresentar no Bar Semente, que acabou dando nome à banda que a acompanhava, estreando sua programação noturna. O sucesso no Semente foi tanto que Teresa Cristina passou a cantar em outras casas noturnas da Lapa, como o Carioca da Gema e o Centro Cultural Carioca, para um público cada vez maior, transformando o bairro num polo de atividades culturais e num dos locais de maior visibilidade da noite carioca.

30 - **Veridiano Farias** nasceu em 18 de fevereiro de 1906 no Rio Grande, Rio Grande do Sul, filho do estivador Franklin Fortunato Farias e Maria José Sabina Farias; neto da escrava Fortunata e do trabalhador de charqueada Barbosa Farias. Formou-se em 15 de dezembro de 1951, tornando-se o primeiro médico negro formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e o segundo do Estado. Conseguiu rapidamente emprego como dermatologista no Hospital Colônia Itapuã, pois poucos médicos clinicavam lá, em razão de ser um hospital de periferia e dos surtos de lepra que assolavam constantemente a região. Médico dedicado, Veridiano estava prestes a ser promovido a diretor da instituição. Faltavam cinco dias para assumir o novo cargo quando, no trajeto de ida para o hospital, na estrada Porto Alegre-Itapuã, sentiu fortes dores no peito, parou o carro e caiu sobre o volante, vitimado por um ataque cardíaco, em 10 de agosto de 1952.

31 - Ministro do Supremo Tribunal Federal. Advogado formado pela Universidade de Brasília, **Joaquim Barbosa** fez carreira como procurador do Ministério Público Federal e como acadêmico, inicialmente, em Brasília e depois no Rio de Janeiro, França e Estados Unidos. Conferencista e consultor de entidades internacionais de apoio e fomento aos direitos humanos, com ênfase no enfrentamento da discriminação racial, ele é autor de extensa produção intelectual em artigos, conferências e dois livros: “La Cour Suprême dans le Système Politique Brésilien”, publicado na França em 1984, e “Ação Afirmativa & Princípio Constitucional da igualdade: a experiência dos EUA”, lançado no Brasil em 2001. Tomou posse como Ministro do Supremo Tribunal Federal em 25 de junho de 2003.

32 - **Juliano Moreira** nasceu em uma família pobre, no dia 6 de janeiro de 1873, em Salvador. Muito jovem, em 1886, entrou na Faculdade de Medicina. Formou-se aos 18 anos, portanto, antes da abolição da escravidão. Em 1891, tornou-se professor dessa mesma faculdade e, na época, já tinha trabalhos publicados em várias revistas científicas na Europa. De 1895 a 1902, frequentou cursos sobre doenças mentais e visitou muitos asilos europeus (na Alemanha, Inglaterra, França, Itália e Escócia). De 1903 a 1930, dirigiu o Hospício Nacional dos Alienados, no Rio de Janeiro. Ele se alinhava às correntes que então representavam a modernização teórica da Psiquiatria e da prática asilar. Durante sua gestão, conseguiu humanizar o tratamento dos pacientes, abolindo a camisa de força e as grades de ferro nas janelas.

33 - Luiz Gonzaga Pinto da Gama nasceu em 21 de julho de 1830. Era filho de um português e de Luiza Mahin, negra acusada de se envolver com a Revolta dos Malês, na Bahia – a primeira grande rebelião urbana de escravos da história do Brasil. Aos 10 anos, tornou-se cativo, vendido pelo próprio pai. Luiz Gama morou com a mãe em Salvador até os oito anos. Quando a líder rebelde teve que fugir para o Rio de Janeiro, buscando escapar da forte perseguição policial, Luiz foi entregue ao pai, um fidalgo português. Jogador compulsivo e afogado em dívidas, seu pai o vendeu a um traficante e Luiz Gama virou escravo doméstico em São Paulo. Aos 18 anos, sabendo ler e escrever, conseguiu provas irrefutáveis da ilegalidade de sua condição, pois era filho de uma mulher livre. Já liberto, em 1848, assentou praça na Força Pública da Província. Em 1854, teve baixa da Força Pública por insubordinação e, em 1856, foi nomeado escrevente da Secretaria de Polícia. Foi nesse período, como escrevente, que Luiz teve acesso à biblioteca do delegado, então professor de Direito. Autodidata e dono de uma memória excepcional, Luiz Gama se tornaria um grande advogado (rábula). Foi um dos abolicionistas mais atuantes de São Paulo. Com seu trabalho nos tribunais, conseguiu a libertação de centenas de negros mantidos injustamente em cativo ou acusados de crimes contra os senhores. Especializou-se nessa área.

Como já mencionamos no início deste livro, as trajetórias apresentadas no Capítulo 1 foram construídas, com base nas entrevistas realizadas com os estudantes egressos das políticas de cotas, de diferentes Estados brasileiros e de diferentes universidades. Embora já tenhamos apresentado aspectos fundamentais das trajetórias dos quinze estudantes no Capítulo 1, nosso objetivo neste capítulo é apresentar os trechos das entrevistas que dizem respeito a diferentes tempos de vida destes estudantes: antes da graduação, durante a graduação e após a graduação. As entrevistas foram realizadas pelas coordenações regionais da pesquisa, tendo como base um roteiro

semiestruturado unificado, o que nos permitiu comparar os resultados encontrados nas cinco regiões. As questões do roteiro foram divididas em módulos (1 – Módulo apresentação, 2 – Módulo família, 3 – Módulo trajetórias escolares, 4 – Módulo sociabilidades, 5 – Módulo participação política, 6 – Módulo mundo do trabalho, 7 – Módulo significados comunitários e familiares e 8 – Módulo continuidade acadêmica), que, por sua vez, foram agrupadas em três eixos (3.2.1 Vida antes da graduação, 3.2.2 Vida durante a graduação e 3.2.3 Vida após graduação).

Nas páginas seguintes, apresentamos, além de uma síntese das respostas de cada um dos entrevistados a cada uma das perguntas de entrevistas, trechos dos depoimentos articulados com nossas análises. Ao passo que as sínteses das respostas são divididas por Região, os trechos e as análises de depoimentos podem não seguir esta mesma lógica. Nossa opção por apresentar as respostas dadas pelos entrevistados a cada uma das perguntas de pesquisa no formato de quadros tem como objetivo possibilitar aos leitores fazer uma leitura detalhada das trajetórias dos entrevistados desde a infância até os meses e anos após a formatura e, ao mesmo tempo, comparar as experiências vivenciadas por entrevistado, em cada uma das fases da vida.

3.2.1 Vida antes da graduação

Reafirmando Direitos:
Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

Tabela 15: Sínteses das entrevistas acerca da vida antes da graduação: região Centro-Oeste

CENTRO-OESTE	RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA		TRAJETÓRIA ESCOLAR
Codinome	<p>Trajetória escolar/acadêmica dos familiares</p>	<p>Reforços negativos ou positivos para o ingresso na universidade</p>	<p>Relação com a escola, trajetória/percepção da qualidade da Educação Básica</p>
Antonieta de Barros	<p>É a primeira da família, tanto por parte de mãe, quanto de pai, a concluir um curso superior. A mãe tem ensino médio completo e o pai ensino superior incompleto.</p>	<p>Os pais conseguiram para ela e a irmã bolsa de estudos em escola particular; queriam que ela estivesse em um curso de prestígio social.</p>	<p>Estava em dúvida entre os cursos, e os pais queriam que optasse por um de maior prestígio social. Fez cursinho preparatório e estudou em casa.</p>
Auta de Souza	<p>É a primeira da família, tanto por parte de mãe, quanto de pai, a concluir um curso superior. Foi na faculdade que percebeu a desigualdade no acesso ao ensino superior.</p>	<p>Seus pais conseguiram bolsa em escola particular e sua mãe cobrava boas notas (até em curso de línguas). Depois estudou no colégio militar (o pai era militar).</p>	<p>Os pais queriam um curso de maior retorno financeiro (em teoria), mas optou por um de humanas. Fez cursinho.</p>
Cruz e Souza	<p>Toda a família da mãe de cor negra e toda a família do pai de cor branca. A experiência da pobreza impactou ambos; não concluíram o ensino fundamental.</p>	<p>No final do ensino médio, não havia exigência da família para ingresso no ensino superior, isso partiu dele, que buscou uma instituição pública por motivos financeiros.</p>	<p>Nas duas graduações, não fez cursinho: estudou em casa.</p>
Lélia Gonzales	<p>O pai fez até o ensino médio por meio de supletivo e a mãe concluiu o curso superior de Direito, tendo trabalhado no Tribunal de Justiça de Minas Gerais. Na juventude, a mãe trabalhou como doméstica e professora rural.</p>	<p>O fato de a mãe ter um vínculo forte com a discussão racial proporcionou que Lélia crescesse em um ambiente de empoderamento e estímulo ao ingresso no ensino superior</p>	<p>Sua mãe incentivou seu ingresso; durante o cursinho foi orientada a fazer o curso no qual se formou.</p>

Tabela 16: Sínteses das entrevistas acerca da vida antes da graduação: região Nordeste

NOR-DESTE	RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA	TRAJETÓRIA ESCOLAR
Codinome Abdias do Nascimento	<p>Trajetória escolar/acadêmica dos familiares</p> <p>Por parte do pai, há algumas pessoas com ensino superior, mas, na família materna, é o primeiro a concluir o ensino superior e depois o mestrado.</p>	<p>Relação com a escola, trajetória/percepção da qualidade da Educação Básica</p> <p>Abdias estudou a primeira parte do ensino fundamental em um colégio estadual, mas não se lembra bem do tipo de educação oferecida. Lembra-se de que teve bons professores.</p>
Matilde Ribeiro	<p>Foi a primeira da família a ingressar no ensino superior. O pai e a mãe completaram o ensino fundamental e trabalharam, durante quase toda a vida, como porteiro e como doméstica. Hoje, a mãe é chef de cozinha em um restaurante conhecido de Salvador.</p> <p>Nenhuma das três irmãs ingressou no ensino superior após concluírem o ensino médio.</p>	<p>Opção pelo ingresso na universidade e estratégia de preparação</p> <p>Fazendo um balanço sobre sua educação no final do ensino fundamental e médio, Abdias avalia que foi fraca. Teve professores que dificultaram as coisas, mas também teve professores que foram determinantes para seu ingresso no ensino superior.</p>
Beatriz Nascimento	<p>Embora tenha sido a primeira da família a ingressar na universidade, Beatriz não sentiu muita empolgação da família, já que a mãe via sua nova atividade como uma coisa a mais pra fazer, já que já era professora.</p>	<p>Relação com a escola, trajetória/percepção da qualidade da Educação Básica</p> <p>A estudante saiu da escola particular e foi para a escola pública, onde sentiu o impacto da falta de professores, a ausência de aulas e o silenciamento acerca do vestibular.</p> <p>Ter começado a fazer Teatro possibilitou Luiz circular por diferentes espaços da cidade, inclusive, na biblioteca pública que ficava dentro da universidade pública.</p> <p>Preparou-se para concorrer apenas em universidades públicas, já que não poderia pagar. A chegada da UFRB em sua cidade e a percepção de que não poderia ser âncora de TV, fez com que desistisse do jornalismo e optasse pelo Serviço Social.</p>

Reafirmando Direitos:

Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

Reafirmando Direitos: Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

Ruth de Souza	<p>Ruth conta que sua mãe cresceu no interior do Piauí e se casou aos 16 anos, quando foi para a capital. Ela concluiu o ensino médio e o pai não. Ela não tem certeza da escolaridade do pai.</p>	<p>A mãe sempre foi uma grande incentivadora de seus projetos educacionais, seja na educação básica, seja no ensino superior.</p>	<p>Relembra de sua escola, mais em razão da ausência de professores do que pela qualidade. Relata que poucos eram os professores que falavam sobre a universidade, pois muitos dos estudantes só querem concluir o ensino médio e ir trabalhar.</p>	<p>Suas principais referências para tentar ingressar na universidade foram seus professores, que ficaram muito orgulhosos quando foi, a única aluna da escola pública, aprovada na universidade.</p>
Sueli Carneiro	<p>Define-se como mulher, nordestina e sertaneja e, antes de tudo, negra. Seus pais não concluíram o ensino fundamental completo, pois moravam no sertão e precisaram trabalhar desde muito novos para ajudar a colocar comida em casa. Foi a primeira da família a entrar em um curso superior.</p>	<p>Sempre foi boa aluna. Quando atravessou dificuldades para continuar estudando, seus professores e colegas se sentiram tristes e deram muita motivação para que ela continuasse.</p>	<p>Enfrentou muitas dificuldades durante a vida escolar. Essas dificuldades estavam vinculadas as suas dificuldades econômicas, seja para continuar a estudar em uma escola Sesi, como bolsista, depois que seu pai foi despedido, seja para arcar com materiais didáticos sem ter dinheiro para tanto.</p>	<p>Apesar de não ter uma percepção muito forte sobre a entrada no ensino superior, fazia o Enem todo ano para ver o que iria dar. Passou para Pedagogia e sentiu que os pais transitarão em um misto de alegria pela aprovação e um pouco de frustração pelo curso escolhido.</p>
André Rebouças	<p>A mãe concluiu o ensino fundamental e o pai concluiu o ensino médio. Uma irmã concluiu o ensino superior e as outras têm ensino médio completo.</p>	<p>Apesar de não terem colocado as filhas em escolas particulares, os pais sempre incentivaram os filhos a estudar. A tia e o tio atuaram como exemplos na continuidade dos estudos, mas quem apresentou a universidade a ela foi a irmã mais velha.</p>	<p>Apesar de ser muito extrovertido em casa, episódios de violência sexual o tornaram mais calado e quieto na escola. Sentia muito medo de que as pessoas descobrissem que era gay.</p>	<p>André se matriculou em dois cursos pré-vestibulares, um privado e um comunitário, mas em razão do trabalho foi pouco frequente. Os pais ficaram felizes pelo ingresso, mas um pouco frustrados com o curso selecionado.</p>
Carolina Maria de Jesus	<p>Os pais de Carolina se separaram, quando ela era muito pequena. Nenhum dos dois estudou, pois naquela época era muito difícil.</p>	<p>Carolina estudou em várias escolas, já que a mãe trabalhava em diferentes casas de famílias. Ainda assim, sempre fez questão de as filhas estudarem.</p>	<p>Sua trajetória escolar foi atravessada por muitas interrupções, duas derivadas de gravidez. Depois dos filhos crescidos, conseguiu concluir o ensino médio.</p>	<p>Quando surgiu a reserva de vagas, alguns moradores da comunidade quilombola resolveram se juntar para estudar, mesmo sem cursinho.</p>

Reafirmando Direitos: Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

<p>José Correia Leite</p>	<p>Tanto o pai, quanto a mãe de José Correia são de famílias muito pobres. Em razão disso, tiveram poucas oportunidades educacionais. A mãe, ao sair do interior e ir para a capital tentou continuar os estudos, mas tinha de trabalhar. Por parte de pai, teve uma tia que concluiu o ensino superior.</p>	<p>O ensino superior nunca foi um horizonte para a família de José. A primeira vez que ouviu falar de vestibular foi em razão de uma prima que, tendo concluído o ensino médio, havia tentado duas vezes, sem sucesso. Mas ter tentado já era algo excepcional para a família.</p>	<p>Sente que sua trajetória escolar teve um salto muito grande do ensino fundamental, quando estudava em escolas estaduais, para o ensino médio, quando foi para o Instituto Federal do Rio Grande do Norte, onde se sentia bem, mesmo não acompanhando tão bem a dinâmica das aulas.</p>	<p>Durante sua gestão como presidente do Grêmio do IFRN, estabeleceu um convênio com um importante cursinho particular da cidade que passou a oferecer bolsas para estudantes pobres do instituto, inclusive, ele mesmo.</p>
<p>Milton Santos</p>	<p>O pai de Milton chegou a frequentar a escola e consegue ler e assinar o nome. Já a mãe não frequentou a escola e nem é alfabetizada. Ao mesmo tempo em que tem um orgulho de ser o primeiro, sente um pouco de angústia por perceber que, apesar dos sonhos e da vontade de estudar, os irmãos não tiveram oportunidades.</p>	<p>Milton revela que nunca teve ninguém da família para inspirá-lo a estudar. Mas o desejo de ter uma vida menos sofrida que a do pai o fez perseguir o sonho de se formar.</p>	<p>A escola do interior onde cursou os primeiros anos era coberta de palha, tendo sido feita de taipa e tampada de barro. A escola ficava a três quilômetros de casa e não possuía carteiras. Os bancos eram feitos de tábuas e os cadernos eram colocados nas pernas.</p>	<p>Revela que a inspiração para cursar Jornalismo em uma universidade federal do estado veio das palavras inspiradoras de seus professores e da diretora da escola.</p>

Tabela 17: Síntese das entrevistas acerca da vida antes da graduação: região Norte

NORTE	RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA	TRAJETÓRIA ESCOLAR
Codinome	<p>Trajетória escolar/acadêmica dos familiares</p>	<p>Relação com a escola, trajetória/percepção da qualidade da Educação Básica</p>
Lima Barreto	<p>Trajетória escolar/acadêmica dos familiares</p> <p>Os pais são do interior do estado, região com pouca oferta de escolarização. Ambos são analfabetos. Foi o primeiro da família a ingressar em uma universidade pública.</p>	<p>Opção pelo ingresso na universidade e estratégia de preparação</p> <p>Tomou conhecimento do cursinho pré-vestibular, oferecido pela universidade através da esposa. Na época ainda não havia concluído o ensino médio. Fez as provas de conclusão do ensino médio e se inscreveu no cursinho.</p>
Zózimo Bulbul	<p>Trajетória escolar/acadêmica dos familiares</p> <p>A família de Zózimo é de origem ribeirinha. Seus avós, por parte de pai, são negros, da beirada do rio, e os avós por parte de mãe também ribeirinhos. Por parte da mãe, foi o primeiro a entrar em uma universidade pública. Seu pai terminou o segundo grau, e sua mãe terminou o primeiro grau.</p>	<p>Reforços negativos ou positivos para o ingresso na universidade</p> <p>Embora sem acesso à escola, os pais esperavam que ele continuasse estudando, mas as circunstâncias não permitiram.</p> <p>Mesmo sem entender a razão de estudar tanto, seus pais sempre deram o maior apoio ao estudo. O grande motivador de sua trajetória foi seu tio, formado em Pedagogia pela UNIFAP e com uma longa história de ativismo.</p> <p>Zózimo iniciou sua trajetória escolar em uma pré-escola vinculada à igreja. Quando entrou no ensino fundamental, em uma escola do centro, teve um grande choque por perceber uma forte segregação baseada na questão econômica.</p> <p>Depois de tentar vestibular pela primeira vez, ser aprovado na primeira fase e reprovado na segunda, quase desistiu de entrar na universidade. Depois de conversar com familiares, se motivou e decidiu fazer cursinho para se preparar melhor.</p>

Reafirmando Direitos: Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

<p>Mário de Andrade</p> <p>Aleijadinho</p>	<p>Os pais, que nasceram na Ilha de Marajó, são negros filhos de ribeirinhos. Oriundos de famílias grandes, viram-se obrigados a trabalhar para contribuir com as despesas de casa. Em razão disso, estudaram até a quarta série do ensino fundamental. O pai era militar e fez ensino médio. A mãe tinha o ensino médio e no ano de 2018 se formou em Psicologia. A mãe tinha a ideia só da graduação, mas depois que viu que o filho queria mestrado e doutorado, ela passou a apoiar ainda mais os seus estudos.</p>	<p>O pai de Mário era um grande incentivador. Dizia que, apesar de morar em uma área socialmente excluída e ter estudado em escola pública, tinha muito potencial para tornar-se um profissional capaz de melhorar a sociedade. Um grande incentivo recebido foi pelos professores, na época em que estudou no Rio de Janeiro. Ao voltar a morar em Manaus, já estava decidido a cursar Artes, mesmo o pai tendo prometido uma moto, caso ele fizesse Medicina.</p>	<p>Durante o ensino fundamental, sentiu um pouco de dificuldade de se integrar com os colegas de turma. No ensino médio, as relações foram mais tranquilas, principalmente com os professores que, segundo ele, foram excelentes. Curso o ensino fundamental em escolas adventistas, do Rio de Janeiro e de Manaus, sempre como bolsista. Iniciou o ensino médio no Rio de Janeiro, em um curso de Magistério e o concluiu em Manaus. Sentiu falta de disciplinas como química e física que não existiam no Magistério.</p>	<p>Optar pelo ensino superior, no bairro em que ele morava, era algo inusitado. A opção pelas cotas era uma forma de concorrer com um pouco mais de igualdade em relação aos estudantes das escolas particulares. Sempre teve o propósito de entrar na faculdade. Na escola de Manaus, onde concluiu o ensino médio, fez inscrição de vários colegas de sala no ENEM. Pediu a mãe para pagar 8 meses de cursinho pré-vestibular e encontrou um que era o mais barato da cidade.</p>
--	---	--	--	--

Tabela 18: Síntese das entrevistas acerca da vida antes da graduação: região Sudeste

SUDESTE	RELACÃO FAMÍLIA-ESCOLA		TRAJETÓRIA ESCOLAR
<p>Codinoome</p> <p>Zumbi dos Palmares</p> <p>Elizeth Cardoso</p>	<p>Trajetória escolar/ acadêmica dos familiares</p> <p>Tanto o pai quanto a mãe têm ensino superior completo; Isto começou na geração deles, já que os avós não tinham curso superior.</p> <p>Os pais de Elizeth têm uma proximidade com o ensino superior. O pai de Rute é psicólogo e atua na área clínica. A mãe é auxiliar de enfermagem e também fez Fisioterapia. Ambos possuem especialização, o pai em Psicologia Humana e a mãe em Fisioterapia cardiotorrespiratória.</p>	<p>Reforços negativos ou positivos para o ingresso na universidade</p> <p>O vestibular foi uma questão já certa, já que os pais sempre colocaram a educação em primeiro lugar. Era uma coisa natural fazer vestibular.</p> <p>O incentivo dado pelos pais era muito grande, tanto é que as comemorações de dia dos Pais, das Mães, Natal ficava em quarto e quinto plano. A prioridade eram os estudos. O pai sempre dizia que por serem mulheres negras e pobres era preciso estudar para se destacar. Os pais sempre estudaram muito, e discutiam muitos assuntos relacionados à África.</p>	<p>Relação com a escola, trajetória/ percepção da qualidade da Educação Básica</p> <p>O ensino médio foi feito em escolas públicas e a pré-escola e o fundamental foram feitos em escolas particulares com bolsa. Não se lembra de constrangimentos na primeira fase da educação, mas os apelidos e brincadeiras a partir da sétima série o marcaram, principalmente por ser o único estudante negro da escola.</p> <p>Elizeth se recorda que estudava em uma escola de maioria branca e um dia, ao ir ao banheiro, escutou colegas questionando uma amiga sobre as razões dela andar junto com Elizeth, já que ela era negra. Apesar dos xingamentos e ofensas raciais serem recorrentes, estes assuntos não eram tratados nem na escola e nem em casa.</p> <p>Opção pelo ingresso na universidade e estratégia de preparação</p> <p>Ele tentou na Unicamp logo na saída da escola e não passou. Então arrumou um estágio e quando foi implantada na cidade a Universidade Federal do ABC, com o curso de engenharia ambiental e urbana, resolveu fazer. Foi o primeiro vestibular, já com ações afirmativas.</p> <p>Elizeth teve um professor de Geografia que, ao mesmo tempo em que fazia o debate racial, a incentivou a prestar vestibular na UERJ que havia acabado de aderir às ações afirmativas. Apesar de querer fazer Psicologia na UFRJ, os gastos envolvidos também influenciaram na escolha do curso de Nutrição na UERJ.</p>

Reafirmando Direitos: Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

<p>Maria Firmina</p>	<p>O pai fez curso superior de Filosofia na UFMG, onde ela também estudou. A mãe, já falecida, foi servidora pública federal e chegou a iniciar o curso de Letras na UFMG, mas não o finalizou. 'Acho que na época ela engravidou'.</p>	<p>Ao longo da entrevista, Maria Firmina reforça a contínua insistência do pai para que ela fizesse vestibular em uma universidade federal, especialmente na UFMG.</p>	<p>Maria Firmina fez um ano de ensino fundamental em uma escola particular e depois entrou em uma escola federal, que é o Centro Pedagógico da UFMG. No ensino médio, foi para o Coltec, também federal e vinculado à UFMG. Não teve reprovações durante a trajetória, pois sempre foi uma boa aluna.</p>	<p>Tem a percepção de que o Coltec já induzia os estudantes ao vestibular. Ter feito iniciação científica a aproximou mais do campo do Direito, área em que ingressou na Puc e cursou dois anos. Após muita insistência do pai, fez vestibular para a UFMG no primeiro ano em que havia pontuação extra para negros egressos da escola pública.</p>
<p>Solano Trindade</p>	<p>Guerreiro não detalha muito esta questão, mas repete várias vezes, durante a entrevista, que, pelo fato de a mãe ser professora, a preocupação com a formação/estudo sempre foi constante na família.</p>	<p>Os pais deram um grande incentivo aos estudos dos filhos, tanto do ponto de vista material, quanto do ponto de vista simbólico e de acompanhamento familiar.</p>	<p>Sente que entre a primeira e a sétima série tudo correu bem. O problema começou a partir da oitava, quando passou a ser o único estudante negro da escola. Nesse período, passou a ser alvo de apelidos e exclusão em sala. E o pior é que os professores sempre se silenciaram sobre isto.</p>	<p>Guerreiro fez o ensino médio em um colégio técnico, na área de comunicações. Ao concluir, percebeu que não era seu interesse e decidiu procurar um curso que lhe desse prazer em estudar. Foi fazer Ciências Sociais.</p>

**Reafirmando Direitos:
Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro**

Tabela 19: Síntese das entrevistas acerca da vida antes da graduação: região Sul

SUL	RELACÃO FAMÍLIA-ESCOLA		TRAJETÓRIA ESCOLAR	
	Trajetória escolar/acadêmica dos familiares	Reforços negativos ou positivos para o ingresso na universidade	Relação com a escola, trajetória/percepção da qualidade da Educação Básica	Opção pelo ingresso na universidade e estratégia de preparação
Codiname Maria Auxiliadora da Silva	<p>Não sabe informações concretas sobre a escolaridade do pai. Acha que ele tem, no máximo, o ensino médio. A mãe concluiu o ensino médio já depois de adulta, fez a graduação já aos quarenta anos e atualmente cursa o mestrado. Entre os irmãos por parte de pai, cerca de quinze, sabe que uma está fazendo graduação.</p>	<p>O fato de o professor da escola já falar sobre vestibular desde a sexta série e inserir questões matemáticas retiradas de provas vestibulares fez com que Maria Auxiliadora da Silva pensasse sobre o ingresso no ensino superior desde nova.</p>	<p>Toda a trajetória de estudos foi na escola pública. Sempre teve dificuldades em Matemática, tanto que as duas reprovações que teve foi nessa disciplina. Essa dificuldade, aliás, definiu a área de conhecimento em que iria fazer a graduação.</p>	<p>Ela fez curso comunitário e foi se preparando para as provas desde o final do ensino fundamental por meio das questões de vestibular apresentadas na escola.</p>
Thereza Santos	<p>É a primeira da família nuclear que ingressou em uma universidade e concluiu o curso, já que o pai começou a cursar Contabilidade, mas não terminou. A mãe, por outro lado, não concluiu o ensino médio, atuando no ramo de estética.</p>	<p>Os incentivos para o ingresso no ensino superior vieram dos professores do curso popular que diziam que as vagas na universidade também eram para os estudantes pobres e negros.</p>	<p>Sempre estudou em escolas públicas, mas foi apenas no ensino médio que descobriu o que era vestibular e ensino superior, já que os professores eram, em sua maioria, professores de cursinhos.</p>	<p>Fez curso popular com preparação para o vestibular, mas também com ênfase em uma educação cidadã.</p>
Esperança Garcia	<p>A mãe de Esperança Garcia iniciou um curso de Pedagogia com cinquenta anos e há poucos anos começou a atuar como professora. O pai, por outro lado, formou-se em Administração com cerca de trinta anos. Os dois irmãos mais velhos também já possuem curso superior.</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>Estudou quase toda sua vida em escola pública, com exceção de três anos do ensino fundamental em que estudou em uma escola particular.</p>	<p>Preparou-se para o vestibular por meio de um curso particular onde recebia uma bolsa de estudos e um curso vinculado a uma ONG da cidade.</p>

Reafirmando Direitos: Trajetórias de Estudantes COTISTAS Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

<p>Clementina de Jesus</p>	<p>O pai de Clementina de Jesus estudou até a sexta série do ensino fundamental e a mãe estudou até a terceira série do ensino fundamental, mas não lê e nem escreve bem.</p>	<p>Toda sua trajetória escolar foi na escola pública. Nunca se reprovou, já que era uma excelente aluna. No terceiro ano quase se reprovou por falta, já que o pai, que estava preso, adoeceu e demandou muitos cuidados e atenção.</p>	<p>Apesar de ter concluído o ensino médio com dezessete anos, entrou na universidade com vinte e seis. Nesse intervalo, tentou vários vestibulares e concluiu um curso Técnico de Enfermagem, antes de ingressar no ensino superior utilizando as cotas.</p>
<p>Luiza Mahin</p>	<p>A irmã está formada, fazendo uma segunda faculdade. O pai é formado em arqueologia e a mãe tem o ensino médio incompleto.</p>	<p>O pai de Neusa sempre prezou muito o estudo. 'Então não foi uma questão decidida, eu sempre soube que eu ia fazer o vestibular na verdade'.</p>	<p>Não fez cursinho.</p>
<p>Tia Ciata</p>	<p>A família de Tia Ciata é muito grande, com muitos tios e primos, mas a mãe é a única, entre estes, que possui graduação.</p>	<p>O fato de Tia Ciata ser de religião de matriz africana está diretamente associado à escolha do curso de Oceanografia, já que foi durante uma excursão para a praia, promovida pela religião, que ela se encantou com o mar, com a praia, com o cheiro.</p>	<p>Uma das estratégias na trajetória de Tia Ciata foi trocar de escola. Essa troca está relacionada ao aumento de violência na escola do bairro e também a fama que a nova escola tinha de preparar para o ingresso no ensino superior.</p>
<p>Theodoro Sampaio</p>	<p>A mãe fez o ensino médio, fez curso técnico e atuou como técnica em enfermagem até o primeiro filho nascer. O pai concluiu o ensino médio no antigo CEFET e trabalha na área ainda hoje.</p>	<p>Estudou parte do ensino fundamental no Sesi de sua cidade, mas, em razão da mudança da família, concluiu o ensino fundamental e médio em uma escola estadual.</p>	<p>Fez um cursinho semiextensivo para ingressar na universidade.</p>
<p>Teresa Cristina</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>Teresa Cristina sempre gostou muito de estudar. Sempre se destacava e tirava boas notas, o que a motivava ainda mais. Tornar-se exemplo para os irmãos, por meio dos estudos, também era um motivo para continuar estudando.</p>	<p>Como não ingressou na universidade logo que saiu do ensino médio, no primeiro vestibular que fez, começou a trabalhar formalmente para pagar cursinho. Fez seis meses de semiextensivo, para o qual iam oitenta por cento de seu salário.</p>

Reafirmando Direitos: Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

<p>Veridiano</p>	<p>A família morava numa cidade alemã, no interior do Rio Grande do Sul. O pai é professor de Mecânica em uma escola técnica. A mãe é dona de casa. Todos os irmãos, com exceção do mais novo que tem Síndrome de Down, tem graduação. A irmã mais velha foi a primeira que estudou numa universidade federal e ingressou com a idade de dezoito anos.</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>Veridiano fez toda sua trajetória em escola pública. Apesar de ter bastante dificuldade em Matemática e Física, nunca se reprovou.</p>	<p>Não fez cursinho pré-vestibular.</p>
<p>Joaquim Barbosa</p>	<p>Joaquim Barbosa é oriundo de Teófilo Otoni, Minas Gerais. Sua família era composta por três filhos, a mãe e o padrasto. Depois do falecimento da mãe, ele vive só, já que não mantém contato com os irmãos que vivem em Minas Gerais. A mãe era graduada em Direito e ele não sabe a escolaridade do pai.</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>Nunca experimentou nenhum episódio de reprovação em nenhuma fase escolar.</p>	<p>A chance de mudar de vida e seguir a vida de modo independente foi um grande incentivo para a continuidade dos estudos.</p>
<p>Juliano Moreira</p>	<p>Tanto a mãe quanto o pai não completaram o ensino fundamental. O irmão, já falecido, não completou o ensino médio. É, pois, o único da família que concluiu a graduação.</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>Juliano Moreira sempre foi um dos melhores alunos da turma, tanto na infância, quanto no ensino médio. Ele não sabia que tinha tanta dificuldade no ensino, porque sempre foi bem na escola, até o dia que foi fazer uma prova pra conseguir uma bolsa em uma escola privada.</p>	<p>Assim que concluiu o ensino médio fez um ano de cursinho e passou para Enfermagem. Curso um ano e percebeu que queria mesmo era Medicina. Entre saídas do curso e tentativas frustradas se passaram quase três anos até ingressar em Medicina pela modalidade de cotas na UFSC.</p>
<p>Luiz Gama</p>	<p>O pai e a mãe de Luiz são de famílias muito humildes e, por isto, não tiveram acessos a escola. Ambos têm ensino primário e só sabem ler e escrever. Em sua família, Luiz é a única pessoa, entre primos e tios, com nível superior. O irmão não quis terminar o ensino médio.</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>Luiz sempre estudou na única escola estadual existente em sua cidade natal. Sua avaliação era a de que o ensino era de muita qualidade.</p>	<p>Estudou alguns meses em um cursinho pré-vestibular privado na cidade vizinha a sua. Pagou as mensalidades com o dinheiro recebido de uma empresa em que trabalhou.</p>

3.2.1.1 *Relação família-escola*

De modo geral, pode-se dizer que os entrevistados são de origem humilde, e possuem baixa escolaridade. Observa-se que os pais, da maior parte deles, são migrantes rural-urbanos e foram, ou continuam sendo, trabalhadores braçais, configurando, portanto, mobilidade social ascendente e de longa distância para esses jovens que chegaram até o ensino superior:

Eu sou a primeira da família, tanto por parte de pai e de mãe, a entrar em uma universidade federal. Por parte de mãe é mais grave ainda, porque sou a primeira que tem ensino superior. Eu nasci em Brasília, em Itaguatinga. Meus pais se conheceram em Brasília. Tenho uma prima distante que entrou em uma universidade federal e os outros fizeram curso técnico. Minha mãe não tem o ensino médio completo e o meu pai ensino superior incompleto. (Antonieta de Barros – Centro Oeste)

Meus pais são maranhenses também, os dois. O meu pai de origem cearense, a minha avó paterna era cearense, vieram para o Maranhão, para a cidade do Mearim, que é uma cidade do interior do Maranhão. O meu pai chegou a frequentar a escola, o ginásio, ele consegue assinar nome, ler. A minha mãe não é alfabetizada, não chegou a frequentar a escola (...). Nós somos uma família bem grande, família tradicional nordestina, tenho 15 irmãos, 13 vivos, e deles eu fui o primeiro a ingressar no ensino superior. Quando eu estava escrevendo os agradecimentos da minha dissertação, eu coloquei que para muitos isso seria um motivo de alegria, de felicidade, por ter sido o primeiro, mas eu partilho essa felicidade com um pouquinho de angústia, porque eu vi que os meus irmãos tinham sonhos, vontade de estudar, que se esforçavam, mas não tinham oportunidade. (Milton Santos – Nordeste)

Eu gosto de falar que eu sou mulher, nordestina, sou sertaneja e antes de tudo sou negra. Então eu sai lá do interior do Sergipe, aos dois anos e meio de idade, seguindo os meus pais que saíram do sertão por motivo de trabalho. Então iniciei a minha trajetória escolar aos dois anos e nove meses em Maceió e daí iniciei o meu processo escolar, porém, os pais não têm o fundamental I completo, o antigo primário, a minha mãe estudou até a terceira série e o meu pai primeira série, mais ou menos; não concluíram o primário porque na época os meus avós colocavam eles pra trabalhar, né? Eram muito simples no sertão então tinham que ajudar em casa pra ter o que comer. Eu fui a primeira a entrar em um curso superior, na Universidade Federal de Alagoas e novos horizontes se abriram dentro do olhar dos meus familiares. (Sueli Carneiro – Nordeste)

Entre aqueles pais que já tiveram uma experiência universitária, destacam-se os que ingressaram e concluíram seus cursos depois de adultos. Entre os entrevistados do Norte e Nordeste, não é possível identificar nenhum dos pais com curso superior, o que se distingue daqueles entrevistados na região sul, sudeste e centro-oeste.

Meu pai é lá de Uberaba mesmo e a minha mãe é nascida em Franca, São Paulo. Meu pai fez até o ensino médio, saiu e voltou de várias escolas, porque precisava trabalhar, terminou o ensino médio com supletivo. A minha mãe tem ensino superior, ela é formada em Direito e ela trabalhava, hoje ela está aposentada, mas ela trabalhava no Tribunal de Justiça de Minas Gerais como oficial de justiça. Ela também teve uma trajetória de vida com muitas dificuldades, quando era jovem trabalhou de doméstica, de professora rural, trabalhou em várias funções até chegar a se formar, mas ela teve um pouco mais de estrutura familiar que proporcionou ela conseguir estudar. Ela trabalhava para pagar a faculdade e conseguiu terminar o ensino superior. (Lélia Gonzales – Centro Oeste)

O meu pai fez curso superior na UFMG, onde eu cursei também, ele fez Filosofia. A minha mãe é falecida e foi servidora pública federal, chegou a iniciar o curso de Letras na UFMG, mas não finalizou, acho que na época ela engravidou. (Maria Firmina – Sudeste)

Do meu pai eu sei muito pouco eh... eu acho que no máximo ele deve ter o ensino médio e olhe lá, a minha mãe ela está fazendo mestrado [risos] ela fez, concluiu o ensino médio já depois de adulta, fez a graduação também já com quarenta anos, o mestrado está fazendo agora. Irmãos, eu tenho [riso] de parte de pai eu tenho uns quinze é estranho, mas, sim, não tenho convivência com eles eu conheço uns dois, uma eu sei que ela está fazendo graduação, o outro não fez nem o ensino médio. E de parte de mãe eu tenho uma irmã que está no ensino médio no segundo ano (Maria Auxiliadora da Silva – Sul)

Muitos entrevistados destacam ainda que alguns tios e primos, ou mesmo irmãos mais velhos, que já haviam ingressado no ensino superior cumpriram o papel de referências, seja falando de suas experiências, ou mesmo tornando-se alvos de comentários positivos e de admiração familiar.

Os meus pais sempre nos incentivaram a estudar. Não colocaram a gente em escolas particulares porque não tinham condições nenhuma, mas a minha mãe incentivou muito, a minha tia sempre estava lá em casa e alfabetizou a gente, dava reforço para a gente acompanhar a escola. O meu tio sempre estudou muito, lia muito então tinha essa figura lá em casa, era uma inspiração, apesar de ele não atuar diretamente no nosso estudo. Não, eu não considero que houve um incentivo, um preparo para entrar na universidade. Tanto que a perspectiva que eu tinha era a de terminar o ensino médio e ir trabalhar. Quem me apresentou a universidade foi a minha irmã mais velha, que já tinha entrado. Mas a minha irmã era muito

autodidata, ela estudava sozinha, e isso acabou não nos aproximando muito da universidade. Ela fez Gastronomia na UNP e depois fez Administração. Ela teve bolsa integral do Prouni. (André Rebouças – Nordeste)

Eu acho que isso nunca foi um horizonte na minha família. Nem eu sabia exatamente o que era ensino superior. A primeira vez que eu ouvi falar de vestibular foi porque uma prima (ela morava aqui em Natal e eu em Parnamirim e de vez em quando a gente ia na casa da minha avó e encontrava) tinha concluído o ensino médio, e ela estava tentando pela segunda vez. A minha mãe comentou com a minha vizinha que ela era muito inteligente, ‘está tentando o vestibular pela segunda vez’, e na época eu não entendia nada o que era vestibular; eu era bem criança. E muito tempo depois eu fui entender o que era vestibular e entender o quanto isso era uma coisa excepcional na minha família, porque só de uma pessoa tentar já era uma coisa muito uau! (José Corrêa Leite – Nordeste)

Eles sempre me davam o maior apoio, mesmo sem entender muito por que eu tinha que estudar tanto, que eu quase não ficava com eles, eu ia em casa só para dormir. Já, por parte de pai, tenho um tio que formou pela Unifap em Pedagogia, e de uma história de ativismo, em 2001 a Unifap não tinha estrutura de acessibilidade física e ele teve muita dificuldade e isso também me motivou a ir para um curso superior, quando eu era ainda adolescente. Via que ele, mesmo com todas as dificuldades, ele formou e passou num concurso e isso foi me motivando. Ele, na verdade, foi o meu grande motivador. (Zózimo Bulbul – Norte)

Mesmo no caso das famílias muito humildes, é possível perceber nas famílias um misto entre apoio à escolarização e incompreensão sobre as

razões para continuar nos estudos. De modo geral, eles reportam a figura materna como elemento importante no processo de escolarização. Há uma percepção dessas famílias de que o estudo é o único caminho para o escape da pobreza, embora boa parte de seus membros não tenham frequentado sequer o ensino fundamental.

Na verdade, as pessoas talvez não têm noção, hoje eu acho que a minha mãe tem noção do que é ter uma filha dentro da universidade. Mas naquela época não tinha, porque é custoso, é oneroso, depois você tem que se virar, trabalhar e estudar para poder se manter. Mas ninguém sabia o que eu fazia. Ciências Sociais a minha mãe achava que eu fazia serviço social, era essa a ideia que as pessoas tinham do que eu estava fazendo. Eu percebia que fazer Ciências Sociais e fazer Pedagogia era a mesma coisa. Como eu estava em uma seara que ninguém sabia o que eu estava fazendo, eu não tinha muito diálogo nesse sentido. Talvez com uma outra irmã que já sabia um pouco mais sobre isso, mas minhas tias todas eram do mesmo nível de escolaridade da minha mãe, meus tios todos davam aquele apoio moral mas no fundo não sabiam exatamente o que era. Sabiam que eu estava estudando e que no fundo uma família pobre é um filho que está estudando, em uma idade produtiva para trabalhar está gerando gastos. Mas minha mãe nesse sentido foi muito entusiasta, mesmo ela não conseguindo seguir dentro da escola por muito tempo, porque teve filhos muito jovem, construiu família muito cedo, mas sempre incentivou a mim e às minhas irmãs para continuar estudando. (Matilde Ribeiro – Nordeste)

A proximidade com a temática racial parece ter dado uma consciência maior da importância do ensino superior e das cotas.

A minha mãe tem um vínculo forte com essa discussão racial. Então a minha toda em Uberaba eu cresci, minha família

como um todo assim, na parte da minha mãe tem uma relação com essas discussões raciais lá na cidade. Então eu cresci nesse ambiente de empoderamento mesmo. A gente sabia que estava em uma condição social desprivilegiada e que a gente precisava correr atrás e tentar ascender socialmente mesmo. Então a minha mãe, desde quando eu era mais nova, já ficava falando, V.[...], agora tem cotas, temos que ir atrás, vamos descobrir onde está tendo, pra você fazer um curso. Sempre tendo um estímulo muito forte para que eu saísse para uma cidade maior, passasse em uma universidade federal, para que eu procurasse estudar em um lugar que me desse uma possibilidade de alocação profissional melhor e de condição de vida melhor. (Lélia Gonzales – Centro Oeste)

No caso daquelas famílias com experiência prévia no ensino superior, sobretudo quando o pai ou a mãe já haviam concluído uma graduação, a preparação para o ingresso passa a soar como um destino natural, planejado desde o ensino fundamental.

O vestibular foi uma questão já certa, os meus pais sempre colocaram a educação em primeiro lugar. Era uma coisa natural fazer vestibular. Eu tentei na Unicamp, logo na saída da escola e acabou que eu não passei. Aí arrumei um estágio e falei com os meus pais que eu queria fazer universidade pública. Aqui na cidade estava sendo implantada a Universidade Federal do ABC e tinha o curso de engenharia ambiental e urbana, que eu me identificava, gosta da engenharia, gosto de exatas, de contas e eu resolvi fazer, já era o primeiro vestibular com ações afirmativas, com 50% entre cotistas raciais e oriundos da escola pública e aproveitei, fiz o vestibular e passei. Foi bom porque foi perto da minha casa, no cursos que eu queria. (Zumbi dos Palmares – Sudeste)

Ah! na verdade, assim, meus pais... meu pai ele sempre prezou muito o estudo. Então não foi uma questão decidida, eu sempre soube que eu ia fazer o vestibular na verdade. (Luiza Mahin – Sul)

3.2.1.2 Trajetória escolar

Entre os entrevistados, é possível perceber que a maioria era vista, e se viam, como bons alunos. No caso dos estudantes das regiões Norte e Nordeste, diferentes dificuldades atravessaram as trajetórias escolares, desde o abandono escolar em razão do trabalho, até a precariedade das escolas públicas frequentadas.

Sou natural de Mazagão, e lá eu fiz o ensino médio normal, concluí o primeiro ano, fui aprovado e as minhas circunstâncias me impediram, como eu morava distante de Mazagão [sede do município], eu ia e voltava para a escola a remo, de canoa, e aí precisei trabalhar e parei de estudar em 1983. Eu vim para Macapá, depois fui para Belo Horizonte, trabalhei lá e voltei, me casei em 1993, vieram os meninos, consegui casa própria, e, quando os meus filhos estavam terminando o fundamental e indo para o ensino médio, eu vi a necessidade deles cursarem a faculdade mas não via perspectiva econômica, eu não tinha condições de pagar. (Lima Barreto – Norte)

Eu não fiz pré, já entrei na escola com sete anos, porque a gente morava no interior, a escola era coberta de palha, casa de taipa, tampada de barro e a gente morava mais ou menos três quilômetros da escola, tinha que ir e voltar todo dia. Nesse princípio, era essa a nossa realidade. Teve um período (...) que a parede da escola estava correndo o risco de cair e a gente tinha que estudar assim mesmo, se chegasse a desabar

matava todo mundo. Não tinha carteira nessa escola, eram bancos feitos com tábuas e colocava os cadernos nas pernas e ali escrevia, então, às vezes, doía a coluna, as vezes a gente colocava o caderno em cima da tábua e ficava de joelhos, então era essa a realidade. (Milton Santos - Nordeste)

Por outro lado, mesmo aqueles que não reportam a necessidade de trabalhar durante o período de estudos, mencionam dificuldades de outra ordem para atravessarem os desafios da vida escolar.

Era uma escola com maioria branca, um dia a gente foi ao banheiro e eu ouvi as outras coleguinhas interpelando a minha amiga do porque ela andava comigo se eu era negra. Na época eu entendi que havia uma diferença, mas não era um assunto trabalhado na escola e lá em casa também não. Depois outras questões, outras questões de racismo foram acontecendo nessa escola e tinha essa diferença, eram xingamentos, os mais comuns eram macaca, cabelo de Bombril, e tratamento dos próprios professores da escola. Eu percebia a diferença, mas não sabia muito bem do que se tratava. (Elizeth Cardoso - Sudeste)

Eu parei um tempo no ensino fundamental porque me casei, com 18 anos, tive filhos, nessa época eu ainda estava no ensino fundamental, porque comecei a estudar tarde e eu tive que começar lá do início, porque o ensino aqui era mais avançado do que onde eu morava, no interior. Na oitava série eu parei porque engravidei e depois de uns quatro anos voltei para terminar o ensino fundamental e médio. Mas eu sempre gostei de estudar para conseguir alguma coisa melhor, senão a gente não consegue. E assim foi, arrumei menino e depois que cresceram consegui terminar o ensino médio e aí engravidei de novo. (Carolina Maria de Jesus – Nordeste)

[Quando perguntado se gostava das aulas no ensino básico] Não, não muito. A questão da sexualidade pesou muito. Eu era uma pessoa muito extrovertida, era considerado o palhaço da casa, mas depois do episódio com a minha tia eu me fechei totalmente. Ela morava perto da gente. Mas eu tive apoio dos professores do ensino fundamental, me ajudavam, nessa época eu fiquei muito calado, muito quieto, me martirizando achando que eu era errado. Na escola eu não fazia muitas amizades, não saía da sala de aula, passava o dia sentado na cadeira desde que entrava na escola, mas eu conseguia fazer as tarefas. Nunca reprovei. Mas essa era a relação, de medo, medo que as pessoas descobrissem que eu era gay e que seria rejeitado. Foi isso durante todo o ensino fundamental e o ensino médio. (André Rebouças – Nordeste)

Todos os entrevistados estudaram, ao menos em parte, em escolas públicas. Mesmo aqueles que estudaram exclusivamente em instituições públicas expressaram a percepção da diferença entre o ensino superior e o particular, ainda que muitos só fossem perceber tal diferença no momento de realizar as provas de ingresso no ensino superior.

E aí quando eu cheguei no cursinho aí que eu percebi que realmente eu poderia entrar, que aquilo poderia ser meu, porque aí esse cursinho era um cursinho popular que ele tem todo um processo de educação diferente assim né de formar uma política cidadã, então a partir do discurso dos professores desse cursinho foi que eu realmente me vi na universidade federal e aí diziam que aquelas vagas eram pra nós, que nós éramos pessoas de classe mais baixa, que éramos pessoas negras, que as nossas cotas estavam lá por direito, que a gente tinha que conquistá-las. Então foi a partir do cursinho pré-vestibular que eu decidi que era a UFRGS, a UFRGS era minha também era um direito meu e aí eu acreditei nisso. (Thereza Santos – Sul)

[...] então assim eu fiz um ano de cursinho terminando o ensino médio e daí eu passei em Enfermagem, eu fiz um ano de cursinho antes foi no SIGMA. Fiz um ano de Enfermagem, mas eu sempre quis Medicina mas por dificuldade no vestibular eu fiz um ano de Enfermagem desisti daí fiz mais dois anos de cursinho tentei Medicina não consegui nesses dois anos voltei para Enfermagem mas eu fiquei um mês eu disse não, não é daí eu fiz mais um ano de cursinho e entrei. então Medicina eu sempre queria mas pela dificuldade do vestibular eu tinha feito Enfermagem mesmo daí com a vinda das cotas e vi que era capaz de tentar Medicina, entendeu? Daí foi onde eu tentei e na UEL na época que eu prestava era não tinha todas as vagas reservadas era menos acho que era 3 vagas e daí na UFSC era reservado 10 % daí onde decidi fazer na UFSC. (Juliano Moreira – Sul)

Os dois estudantes que tiveram uma experiência, ao longo do ensino médio, de estudar em escolas técnicas, vinculadas à rede federal, expressam percepções bastante distintas em relação ao ensino público e o processo de preparação para o ingresso no ensino superior.

Na verdade o colégio técnico já te induzia ao vestibular e eu cheguei a fazer um programa de iniciação científica que tinha no Coltec e fui fazer esse programa com o pessoal de Direito e aí fiquei deslumbrada, gostei muito e resolvi muito prestar vestibular para Direito. Mas na minha cabeça naquela época não tinha outra possibilidade a não ser fazer vestibular. No terceiro ano eu fiz pré-vestibular Mais, um cursinho classe média e depois quando eu fiz de novo eu já trabalhava e estudava na PUC e fiz o Unimaster só para a segunda etapa da UFMG. Tentei vestibular para a UFMG e não passei para a segunda fase. Passei na PUC, tentei bolsa PROUNI, só que nessa época eu morava com a minha avó e quando chegou a hora da entrevista na PUC eu não passei, eles não me deram a

bolsa de 100%, aí resolvi ir fazer cursinho de novo. Fiz um ano de cursinho, me dediquei muito aos estudos, fiquei por conta, fiz vestibular no João Pinheiro, uma fundação estadual, fiz PUC de novo e fiz UFMG. Passei na PUC de novo e fiquei lá dois anos. E o meu pai ficou insistindo para eu fazer vestibular de novo e eu não queria, já estava no quarto período de Direito, não queria fazer e o meu pai meio que me coagiu e aí eu fiz e passei na UFMG. Era o primeiro ano que tinha pontuação para negros e egressos de escolas públicas e a minha pontuação subiu. (Maria Firmina – Sudeste)

[Em resposta à pergunta se fez cursinho pré-vestibular] Sim, no Overdose, eu ganhei uma bolsa. Eu ia do IF e lá eu fui presidente do grêmio e nessa época a gente fez um programa de bolsas com o Overdose, e lá no IF tinha muita gente que vinha de escola pública que estavam em situação de vulnerabilidade econômica e não tinham condições de pagar cursinho, e daí o grêmio decidiu que era interessante fazer algum tipo de projeto que incluísse essas pessoas nessa dinâmica. Eu passei quase todo o ensino médio querendo fazer Direito, mas quando teve as jornadas de junho e julho de 2013, eu conheci muita gente de Ciências Sociais e gostava muito da militância e ainda gosto. Aí eu senti que fazendo este curso daria para fazer coisas mais interessantes como cientista social do que como bacharel em Direito. O meu engajamento foi o motivador para fazer Ciências Sociais. (José Correa Leite – Nordeste)

Para uma parte considerável destes, o ingresso em cursinhos pré-vestibulares, privados ou comunitários, foi uma opção para favorecer o ingresso. Para aqueles que não podiam pagar, ou não tinham acesso a cursinhos, a opção foi estudar sozinhos ou com ajuda de amigos.

[...] minha esposa em 2009, ela soube desse cursinho pré-vestibular da universidade, que é uma extensão da universidade

que possibilita as pessoas de baixa renda participarem, possibilita a inclusão de muitas pessoas. Eu me interessei só que não tinha concluído o meu segundo grau. Aí tem as provas de massa da secretaria de educação e eu me inscrevi. Fiz duas pagas – e era caro - pelo instituto e passei em todas as matérias em 2009 e em 2010 eu vim fazer o cursinho. (Lima Barreto- Norte)

Ouvi muito que a universidade não era pra mim, que era pra filhinho de papai. Mas ainda assim eu pensava na possibilidade de cursar o ensino superior. Como eu sabia que não poderia pagar, eu só projetava as universidades públicas. Eu tive alguns professores que foram importantes, a gente sempre tem algum professor que foi importante. E eles começaram a me dar dicas, me emprestavam livros. Fiz um cursinho popular. Quando eu estava no terceiro ano do ensino médio, a universidade chegou, a UFRB, aí eu fiquei muito mais empolgada. Isso em 2006, 2007. E eu passei no vestibular em 2008. Inicialmente, eu me inscrevi para o curso de Comunicação e eu sempre brinco com as meninas, quando eu caí na real que eu não seria âncora do jornal, aquela visão ilusória que a gente tem das profissões né? Aí eu desisti. Eu tinha feito a inscrição, mas a gente ainda tinha um período para mudar a opção do curso, aí eu fui pra internet e vi que Serviço Social era pra atender a população e eu disse vou fazer esse curso mesmo. Não tinha nenhuma paixão, não conhecia o Serviço Social. Eu fui no desespero pensando, como é que eu vou trabalhar fazendo o curso de Comunicação? Se eu não vou ser âncora do Jornal Nacional vou fazer o que? (risos) Então, eu acho que vou fazer Serviço Social. Aí conheci o curso no processo. (Beatriz Nascimento – Nordeste)

[...] aí comecei a fazer faculdade de Serviço Social. Foi a minha primeira faculdade, lá na Fanec, particular, mas eu tinha conseguido uma bolsa. Isso foi em 2012, mas não deu certo. Passei uma semana só lá, porque esse meu último menino nasceu com problemas e foi bem na época que ele estava nas crises, aí eu tive que abandonar a faculdade por causa disso. Aí quando surgiu a reserva de cotas a gente resolveu se juntar para estudar, mesmo sem cursinho, e quando sair alguma coisa que a gente se interesse a gente tenta entrar pela reserva de cotas. Não é fácil, dizem que é fácil cotas, mas também não é. Na comunidade quilombola a gente fez um grupinho de 10 e começamos a estudar para quando aparecesse alguma coisa que a gente tivesse interesse, poder estar mais ou menos afiado, para concorrer. Esse curso Gestão em Cooperativas foi porque a gente trabalha muito com associações (...) Quem trabalha na cooperativa não tem aonde vender e a gente ajuda. O meu interesse por esse curso foi para ajudar a comunidade em relação a isso. (Carolina Maria de Jesus – Nordeste)

3.2.2 Vida durante a graduação

Reafirmando Direitos:
Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

Tabela 20: Síntese das entrevistas acerca da vida durante a graduação: região Centro-Oeste

CENTRO - OESTE	PERCEPÇÕES SOBRE IDENTIDADE E PERTENCIMENTO		RELAÇÕES SOCIAIS ACADÊMICAS		PERMANÊNCIA E PARTICIPAÇÃO
<p>Codinome</p> <p>Antonieta de Barros</p>	<p>Possíveis mudanças em relação à percepção de cor/raça/etnia após o ingresso na universidade</p> <p>Para falar da mudança no modo de se ver, Antonieta relata um episódio de conflito vivo com uma professora branca no primeiro período. Na ocasião, ela não teria percebido o racismo, mas depois da passagem pelo Afro-Atitude conseguiu compreender. O fato de não gostar da didática da professora, muito expositiva, fez com que Antonieta saísse da sala no meio da aula, sendo seguida por muitos. Apesar de muitos saírem, ela foi acusada de líder do motim. Antonieta encerra o relato dizendo que é isso que acontece com a gente</p>	<p>Sensação de pertencimento ou não pertencimento à universidade ou ao seu local de moradia de origem</p> <p>SEM RESPOSTA</p>	<p>Situações de discriminação, preconceitos e silenciamento sobre a condição de cotista.</p> <p>Depois de ingressar no Projeto Afro-Atitude ela se tornou militante da questão racial e uma referência. Por isso, três estudantes negras a procuraram para contar que foram reprovadas por um professor branco e que foram vítimas de chacota, quando o procuraram para questionar a nota. O episódio gerou rebuliço na universidade.</p>	<p>Relacionamento com outros colegas, professores e corpo técnico-administrativo</p> <p>Faz referência a um reitor de direita na UNB que teria boicotado o programa Afro-Atitude, ao retirar seu caráter de iniciação científica e enfraquecer as ações nas escolas públicas sobre a importância das Ações Afirmativas. Como resposta, os estudantes negros ocuparam um espaço da universidade e criaram um espaço exclusivo.</p>	<p>Participação em projetos de pesquisa e atividades políticas</p> <p>Participou de uma mobilização de estudantes para vincular a bolsa permanência com atividades de extensão e pesquisa favorecendo que os estudantes ficassem na universidade.</p>

Reafirmando Direitos: Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

<p>A entrada na universidade foi uma oportunidade para ela pensar sobre o racismo e sobre a miscigenação. As conversas com seu irmão, único estudante negro em sala, te permitiu ver coisas que seu irmão vivia e que ela mesmo não experimentava.</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>Participou de muitas atividades na UNB; Três projetos de pesquisa e foi presidente da empresa júnior. A área em que está atuando depois de formada tem relação direta com um dos grupos de pesquisa em que atuou.</p>
<p>Reconhece que é atravessado por uma série de marcadores sociais, pelo fato de vir de uma família pobre, de ser negro e de ser gay.</p>	<p>Sente que o fato de ter duas graduações e ser funcionário técnico na instituição lhe dá um reconhecimento diferente e uma acolhida maior. Avalia que o fato de alguns professores tratarem a questão racial favorece seu sentimento de pertencimento.</p>	<p>Além do racismo institucional que Cruz e Souza identifica, relata que apenas em 2015 vivenciaram um caso de racismo explícito na universidade.</p>	<p>Apesar de sentir que enfrentou mais tensões na relação docente-técnico do que na relação brancos-negro, identifica a desigualdade racial na ocupação de determinados espaços, como a pós-graduação, por exemplo.</p>	<p>Sentiu-se acolhido em grupos específicos, pois muitos professores discutiam bastante a questão racial, o que favoreceu seu envolvimento com a temática na instituição.</p>
<p>Sua sensação é a de que os cotistas que entraram em sua época tinham mais dificuldades em se assumir como cotistas. Como professora, ela percebe que os estudantes cotistas de agora se posicionam mais; exigem a inserção de autores negros nas bibliografias e se articulam para construir coletivos de estudantes negros.</p>	<p>Ao mesmo tempo em que não sentia nenhum tipo de preterimento por ser cotista, o silenciamento em torno do tema lhe causava incômodo, tanto é que se recorda bem de uma aula na graduação em que teve a oportunidade de se posicionar sobre o tema.</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>Menciono, com positividade, a relação que estabeleceu com colegas do Centro de Convivência Negra da UNB e de professores que participaram de um processo que ajudou a se preparar para ingressar na pós-graduação.</p>	<p>A princípio, sua vinculação com estágios esteve relacionada a necessidade de trabalhar para se manter. Isso possibilitou que Lélia circulasse em diferentes espaços da universidade até chegar no Afro-atitude, projeto do Centro de convivência negra.</p>

Reafirmando Direitos:
Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

Tabela 21: Síntese das entrevistas acerca da vida durante a graduação: região Nordeste

NORDESTE	PERCEPÇÕES SOBRE IDENTIDADE E PERTENCIMENTO	RELAÇÕES SOCIAIS ACADÊMICAS	PERMANÊNCIA E PARTICIPAÇÃO
<p>Codinome</p> <p>André Rebouças</p>	<p>Sensação de pertencimento ou não pertencimento à universidade ou ao seu local de moradia de origem</p> <p>Possíveis mudanças em relação à percepção de cor/raça/etnia após o ingresso na universidade</p> <p>Declara-se negro e preto com todo orgulho do mundo. O reconhecimento de suas origens e de sua trajetória de quase mestre não o deixa esquecer ou negar sua cor e raça.</p> <p>SEM RESPOSTA</p>	<p>Situações de discriminação, preconceitos e silenciamento sobre a condição de cotista</p> <p>Relacionamento com outros colegas, professores e corpo técnico-administrativo</p> <p>SEM RESPOSTA</p>	<p>Participação em projetos de pesquisa e atividades políticas</p> <p>Participou do movimento estudantil, no qual faziam debates sobre permanência com os moradores da residência universitária.</p>
<p>Andressa</p> <p>Matilde Ribeiro</p>	<p>O fato de ser oriunda do subúrbio ferroviário de Salvador fez com que Luiza visse a UFBA como uma selva de pedras. Para se sentir mais confortável naquele lugar, acabou se aproximando de outros estudantes como ela.</p> <p>Afirma que discriminações de professores com alunos não, pois eles não são loucos. Mas percebe retaliações maquiadas, principalmente, quando os estudantes eram membros do movimento negro ou do movimento de mulheres negras.</p>	<p>Matilde, nascida e criada no subúrbio ferroviário de Salvador, se deu conta, no meio do curso, que se relacionava mais com outros estudantes oriundos do subúrbio. Era uma rede de apoio muito para sobreviver na selva de pedras.</p>	<p>Inicialmente, ela se ofereceu para ser voluntária em um projeto de Arqueologia no Museu de Arqueologia de Salvador. Em seguida, quando surgiu uma oportunidade, ela se integrou a uma equipe para um treinamento ambiental. Tinha duras críticas ao movimento estudantil, pois via com maus olhos a vinculação desses grupos a partidos políticos.</p>

Reafirmando Direitos: Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

<p>Beatriz Nascimento</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>Durante o curso atuo em um projeto, apenas, como voluntária, pois não podia abrir mão do salário como secretária escolar para receber bolsa. Atuo também no movimento estudantil, participando da fundação do centro Acadêmico de Serviço Social. Nesse espaço de atuação, os debates não abrangiam as questões raciais.</p>
<p>Ruth de Souza</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>Expressa uma dificuldade de se adaptar à universidade em seus primeiros anos de curso, já que não estava aceitando o curso que estava fazendo, Serviço Social, já que seu desejo inicial era Psicologia. Aos poucos, aprendeu a gostar do curso.</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>Afirma que nunca passou por nenhum problema por ser cotista, mas ouviu algumas histórias referentes a um estudante de Direito que passou por vários preconceitos dentro de sala e por isso organizava um grupo de movimento negro para reagir. Atribui esses preconceitos ao fato de o curso de Direito ser muito elitista.</p>	<p>Segundo ela quase ninguém sabia que ela era cotista, tanto pelo fato de ela não comentar isto com muita gente, mas também em razão da cor de pele mais clara.</p>
					<p>Sem resposta</p>

Reafirmando Direitos: Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

Sueli Carneiro	<p>Sueli Carneiro expressa, em todos os momentos, sua consciência da negritude. No entanto, relata que foi em contato com outros estudantes que chegaram de carro próprio à universidade, enquanto ela ia de carona na bicicleta do pai, que teve plena consciência do acerto de ter acessado pelas cotas.</p>	<p>Fez um exercício intenso de se envolver em todas as dimensões da universidade, participando de palestras, eventos etc. Relata que muitas vezes não entendia plenamente o que estava acontecendo, mas estava lá.</p>	<p>Sem resposta.</p>	<p>Logo nos primeiros dias de universidade, já conheceu muita gente e se aproximou de colegas de curso. Mas passou a se sentir mais por dentro quando conheceu o grupo do NEAB da UFAL, bem como o professor coordenador do grupo, que se tornou referência para ela em termos de questões raciais.</p>	<p>Participou ativamente do projeto Afro-Atitude,, dentro do NEAB. Reuniam-se três vezes por semana no NEAB, para realizar leituras e pesquisas sobre as comunidades quilombolas de Alagoas. A partir daí começou a se aproximar das questões étnico-raciais.</p>
André Rebouças	<p>Foi no quarto período, em um evento da Pedagogia, que Beatriz se reconheceu enquanto pessoa negra. O fato de não ter a pele escura a colocava em uma situação de negação, mas foi pensando melhor na questão racial no Brasil e a questão do colorismo que passou a se declarar negra frente ao mundo.</p>	<p>Ao longo do curso, começou a perceber processos de exclusão, seja a falta de professores negros dentro do curso, 'seja a invisibilidade que estavam dando para a minha produção acadêmica'.</p>	<p>Embora não identificasse a discriminação direta por meio de xingamentos racistas (preto, macaco, sujo), o nível de dificuldade e as relações sempre tinham uma conotação racial.</p>	<p>Atuou em quatro projetos com dois orientadores diferentes. Mas o fato de serem brancos e não terem reflexões sobre questões raciais sentia que sua trajetória no curso contradizia sua reflexão sobre a questão racial. Isso também o fez abandonar o curso. Atualmente, tem vínculo profissional com o PSol e é um dos coordenadores do projeto Emancipa que tem a questão racial como eixo.</p>	

Reafirmando Direitos: Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

<p>Carolina Maria de Jesus</p>	<p>Embora tivesse muita consciência de sua identidade quilombola, desde muito antes do ingresso na universidade, só após a aula inaugural se deu conta do que era ser cotista e de que isto estava relacionado com um direito dirigido a coletivos historicamente discriminados.</p>	<p>Carolina relata que, desde as primeiras aulas, nos momentos de apresentações, sentiu um estranhamento por parte de muitos professores que nem sequer sabiam o que era uma comunidade quilombola ou diziam que quilombolas não existem mais.</p>	<p>Relata o estranhamento e questionamento de alguns estudantes, sobretudo, os não cotistas, que não conseguiram entender e aceitar o fato de eles receberem bolsa permanência no valor de R\$ 900,00.</p>	<p>Conseguiu levar um projeto de extensão para dentro da comunidade quilombola. E este projeto, feito pela comunidade, e não por pesquisadores que chegavam de fora e não se aprofundava nas relações, serviu como uma espécie de estágio. Participa de uma organização chamada Quilomba, vinculada nacionalmente à CONAQ.</p>
<p>José Correia Leite</p>	<p>Expressa a sensação de que a faculdade, diferentemente do Instituto federal, foi um teste de sobrevivência, principalmente no que se refere ao acompanhamento da assistência estudantil.</p>	<p>Sente que, apesar da inexistência de discriminações abertas, a discriminação e a segregação acontecem justamente durante os processos de seleção à bolsas e participação em projetos, quando os negros, os pobres e os cotistas têm possibilidades menores.</p>	<p>José afirma se dar muito bem com a turma com a qual formou. No entanto, identifica uma baixa sensibilidade dos professores em relação aos estudantes que precisam trabalhar e que, ao sair mais cedo da aula, tomam falta. Também relata a ausência de autores negros e negras nas bibliografias e a pequena abertura dos docentes para acatar as ponderações sobre este assunto.</p>	<p>Relata que teve um desempenho acadêmico bem acima da média de outros colegas, o que interferiu em sua saúde mental. Participou, já no final da graduação, do Negrite, que foi o primeiro grupo de discussão com negros e negras.</p>

Reafirmando Direitos: Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

<p>Milton Santos</p>	<p>Segundo Milton, entrar para o movimento negro foi como nascer de novo, pois o máximo que ele queria se aproximar do negro antes disto era sendo pardo.</p>	<p>Milton revela que no período de seu ingresso era muito difícil que alguém se anunciasse cotista na universidade. Ele mesmo, até metade do segundo ano, não se anunciava assim, já que a imagem do cotista como estudante inferior era muito forte.</p>	<p>As principais discriminações se relacionavam às afirmações de que o sistema de cotas coloca pessoas analfabetas dentro da universidade.</p>	<p>Só na pós-graduação teve professoras e professoras negras, fora os outros que tinham sensibilidade muito grande. Menciona que os professores que teve na graduação passaram por ele e nem cumprimentam.</p>	<p>Após assistir uma entrevista de uma professora aposentada da UEMA, falando do movimento negro, Milton procurou o movimento e passou a receber um apoio gigantesco. Logo na semana da Consciência Negra, foi convidado a fazer oito palestras nas escolas da região contando sua história de vida.</p>
----------------------	---	---	--	--	--

Reafirmando Direitos:
Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

Tabela 22: Síntese das entrevistas acerca da vida durante a graduação: região Norte

NORTE	PERCEPÇÕES SOBRE IDENTIDADE E PERTENCIMENTO	RELAÇÕES SOCIAIS ACADÊMICAS	PERMANÊNCIA E PARTICIPAÇÃO
<p>Codimome</p> <p>Lima Barreto</p> <p>Zózimo Bulbul</p>	<p>Possíveis mudanças em relação à percepção de cor/raça/etnia após o ingresso na universidade.</p> <p>Enfatiza que se autodeclara negro e logo em seguida menciona as discussões em sala em torno de cotas que possibilitaram que alguns colegas refizessem seus posicionamentos desfavoráveis em relação à política.</p> <p>Autodeclara negro e se remete a cor da pele, a seus traços e a seus antepassados. Menciona a consciência das discriminações sutis do cotidiano para reforçar sua noção de pertencimento.</p>	<p>Situações de discriminação, preconceitos e silenciamento sobre a condição de cotista</p> <p>Relata nunca ter percebido discriminação por ser cotista, mas às vezes sentia-se preterido em razão de ter idade mais avançada do que os demais colegas de turma.</p> <p>Percebia, ao mesmo tempo, a repetição de argumentos estereotipados sobre políticas de cotas e os próprios cotistas, mas identificava um receio dos colegas de falarem com ele sobre o tema, já que ele discutia bastante.</p>	<p>Participação em projetos de pesquisa e atividades políticas</p> <p>Encantou-se com a disciplina de Antropologia e fez, em parceria com o professor, um projeto com comunidades quilombolas. Graças a isso, conheceu todo o Nordeste apresentando trabalhos.</p> <p>Participou ativamente de atividades de pesquisa e também do movimento estudantil. Apesar de estudar na universidade estadual, foi apenas na federal que conseguiu ingressar em uma bolsa de pesquisa. Teve certa dificuldade em conciliar atuação política, estudos e trabalho.</p>

Reafirmando Direitos: Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

<p>Mário de Andrade</p>	<p>Considera-se negro, tendo como referência o fato de ser o neto mais escuro da família e se parecer bastante com o avô que, segundo contam, era escravo.</p> <p>Embora se declare como pardo, Aleijadinho revela estar em um momento de reflexão aberta sobre sua identidade. O fato de ter descendência negra e indígena o leva a se declarar pardo, embora seu aprendizado sobre o branqueamento o faça pensar sobre essa definição. A dificuldade em se declarar indígena, segundo ele, é que indígenas são muito desqualificados, até mesmo em Manaus.</p>	<p>Nunca se sentiu diferente em sua turma pelo fato de ser cotista. Não se sentia melhor e nem pior. Não sentia diferença nem para as bolsistas pois existiam seleções distintas para cotistas e não cotistas.</p>	<p>Identificou situações de discriminações dirigidas a estudantes intercambistas vindos de África e da Guiana Francesa. Fora isto, mencionou xingamentos entre estudantes em ambientes externos às salas de aula.</p> <p>Faz referência a um caso de homofobia que ganhou repercussão na universidade, além de um caso envolvendo uma amiga negra que, apesar de ter sido aprovada por cotas no mestrado, enfrentou dificuldades para se matricular.</p>	<p>Avalia como muito positivo o curso e seu percurso formativo. Assinala que o fato de professores terem oferecido grupos de pesquisa e, ou de estudos potencializou sua formação.</p> <p>Embora não reconheça uma parede concreta separando cotistas e não cotistas, reconhece uma barreira invisível, evidenciada em dimensões sutis, porém cotidianas. Menciona também a atitude de uma professora que afirmou que uma turma tinha o nível muito baixo, por ter muitos egressos da escola pública. O caso resultou em processo administrativo.</p>	<p>Atuou durante quatro anos com iniciação científica e extensão em um clube de ciências que trabalhavam com alunos dos bairros próximos à universidade. Não conseguiu bolsa.</p> <p>Atuou durante três anos do curso no PET Indígena e assim pôde se envolver em ensino, pesquisa e extensão. Atuou também no movimento estudantil, mas não se envolveu com discussões raciais e de gênero, e nem com o Coletivo Baré que trabalha com estas questões na universidade.</p>
<p>Aleijadinho</p>					

Reafirmando Direitos:
Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

Tabela 23: Síntese das entrevistas acerca da vida durante a graduação: região Sudeste

SUDESTE	PERCEPÇÕES SOBRE IDENTIDADE E PERTENCIMENTO	RELAÇÕES SOCIAIS ACADÊMICAS	PERMANÊNCIA E PARTICIPAÇÃO
<p>Codinoe</p> <p>Zumbi dos Palmares</p>	<p>Possíveis mudanças em relação à percepção de cor/raça/etnia após o ingresso na universidade</p> <p>Reflete que durante a infância e juventude ficou muito exposto aos padrões normativos da sociedade que o encurralou, fazendo-o se declarar como pardo, até como modo de ser aceito. A mudança teria vindo há uns cinco anos, quando compreendeu melhor a questão do pardo e passou a se declarar como preto.</p>	<p>Sensação de pertencimento ou não pertencimento à universidade ou ao seu local de moradia de origem</p> <p>Sentia que muitas situações pequenas reforçavam a imagem de que aquele não era seu lugar. Cita, como exemplo, o episódio em que fora confundido com zelador ou segurança. Ou quando todo mundo estava entrando sem carteirainha e só a ele era solicitado.</p>	<p>Participação em projetos de pesquisa e atividades políticas</p> <p>Relacionamento com outros colegas, professores e corpo técnico-administrativo</p> <p>Situações de discriminação, preconceitos e silenciamento sobre a condição de cotista</p> <p>Relações sociais acadêmicas</p> <p>Sua percepção é a de que, embora existissem professores que eram contrários às cotas, a grande maioria se silenciava sobre este assunto. Preferia não debater. Mas ao mesmo tempo relembra professores que invisibilizavam a dimensão racial, na disciplina de planejamento urbano, por exemplo.</p> <p>Para exemplificar, utiliza como exemplos a ausência de professores negros, os xingamentos nos banheiros ou na internet, o tratamento dado às estudantes negras confundidas com zeladoras. Mesmo a presença negra ser maior do que na USP ou na UNICAMP, situações de discriminações, sobretudo, com mulheres negras, eram muito frequentes.</p> <p>Graças ao trabalho final que elaborou na disciplina de Habitação recebeu um convite para ser monitor com direito a bolsa e tudo mais. Esta experiência abriu várias portas, inclusive na vida profissional. Não participou de outros grupos de debates raciais, mas integrou um movimento em defesa das cotas.</p>

Reafirmando Direitos: Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

<p>Relembra que foi em uma atividade de pesquisa que uma professora a provocou para revisar sua trajetória de vida, o que a fez sentir um vazio e se dar conta de que a questão de sua autoimagem ainda não havia sido trabalhada. Desde então, resolveu aliar sua auto percepção com sua escolha profissional no âmbito da formação.</p>	<p>Tem consciência de que a questão do pertencimento e da identidade era negligenciada durante a graduação e só foi lidar com o fato de ser negra no mestrado. Embora não trabalhado, o silenciamento a afetava negativamente.</p>	<p>Embora não identificasse o racismo explícito, percebia diferentes situações de discriminações contra os cotistas. Um professor, e específico, dizia que não selecionava cotistas, pois eles usavam o dinheiro para pagar passagem e alimentação.</p>	<p>Elizeth teve duas professoras negras na área de Saúde Pública que, embora servissem de referências, não faziam nenhum debate sobre a dimensão racial da nutrição.</p>	<p>Como não era oriunda de escolas públicas, não pôde receber bolsa para atuar em projeto destinado a cotistas articulando extensão e pesquisa. O receio em atuar em coletivo negro da UERJ se devia ao fato de os considerar muito radicais.</p>
<p>Maria Firmina afirma que sempre se declarou como negra, fala pouco sobre o fato de ser filha de pai e mãe militantes do movimento negro e a influência deste pertencimento em sua construção identitária.</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>Relata que aconteceu com ela, duas vezes, em sala de aula. Uma delas tem relação com comentários depreciativos sobre cotistas em sala aula. Apesar do comentário não ter sido dirigido diretamente a ela, foi feito olhando para ela.</p>	<p>Maria Firmina afirma que, por ter entrado através de bônus, o número de estudantes negros na turma de Direito era bastante pequeno, o que não criava tantos constrangimentos entre estudantes e professores.</p>	<p>Na faculdade de Direito haviam bolsas, mas ela nunca participou por considerar muito panelinhas. Atua em um grupo chamado Juventude da Coordenação Nacional das Negras onde fazem discussões sobre cotas. Tem ressalvas em relação ao grupo, pois o considera muito radical.</p>

Reafirmando Direitos: Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

<p>Solano Trindade</p>	<p>Guerreiro relata que só começou a se entender como um homem negro na graduação. Diz que sempre notou que era minoria na escola, na turma, no círculo de amizades. Embora relate que passou por várias situações discriminatórias na infância, em outro momento, afirma que ser uma criança negra nunca foi um problema para ele.</p>	<p>Nos primeiros anos do curso, tinha a sensação de que não estava aproveitando a universidade em razão do trabalho. Depois de conversar com os pais tomou a decisão de sair do trabalho e viver mais intensamente o curso.</p>	<p>Disse que vivenciou várias discriminações, principalmente, depois que o número de estudantes negros começou a aumentar dentro da instituição, mas não percebiam a mudança na postura dos professores, inclusive, na formação das referências bibliográficas.</p>	<p>Guerreiro tinha a visão de que a sua instituição era uma das mais conservadoras, no que se refere ao debate racial. Segundo ele, a aula que lhe marcou foi com uma professora branca, antropóloga, que apresentou sua bibliografia em inglês e francês e disse que se os alunos que não sabiam aquelas línguas deveriam se virar para aprendê-las.</p>	<p>Depois da decisão de largar o emprego, Guerreiro conseguiu ter acesso a uma bolsa de pesquisa e a um estágio na área. Participou também de um coletivo de estudantes negros que pleitearam, e conseguiram, a implantação de uma disciplina de Sociologia das relações raciais no curso.</p>
----------------------------	---	---	---	---	--

Reafirmando Direitos:
Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

Tabela 24: Síntese das entrevistas acerca da vida durante a graduação: região Sul

SUL	PERCEPÇÕES SOBRE IDENTIDADE E PERTENCIMENTO	RELAÇÕES SOCIAIS ACADÊMICAS	PERMANÊNCIA E PARTICIPAÇÃO	
Codimome	<p>Possíveis mudanças em relação à percepção de cor/raça/etnia após o ingresso na universidade</p> <p>Disse que durante sua trajetória de estudos não parava para pensar na questão de quem era cotista e quem não era. Só começou a observar depois que a mãe, que estudava na época, transformou isto em um tema de pesquisa.</p> <p>Afirma que por ser do Rio Grande do Sul percebe essa diferença desde criança, já que, tanto na escola, quanto na van, as outras crianças a apontavam e zombavam de sua cor. Sua família acabou se silenciando sobre isto e na universidade ficou ainda mais tenso, pois eram apenas três alunos negros na turma inteira.</p>	<p>Situações de discriminação, preconceitos e silenciamento sobre a condição de cotista</p> <p>Não identificava nenhuma diferença de tratamento</p>	<p>Relacionamento com outros colegas, professores e corpo técnico-administrativo</p> <p>SEM RESPOSTA</p>	<p>Participação em projetos de pesquisa e atividades políticas</p> <p>Não participou de projetos de pesquisa e extensão, mas se vinculou ao grupo Afro-Atitude e depois se vinculou ao NEAB. Afirou que nunca foi convidada a participar dos diferentes coletivos existentes na universidade.</p>
Thereza Santos	<p>Sente-se uma pessoa híbrida, pois ao mesmo tempo em que convive em um ambiente acadêmico que a constrange a mudar a forma de falar, de vestir e se comportar, vive em uma vila em que boa parte das amigas não completaram o ensino fundamental e se falar e se comportar do modo que fala e se comporta na universidade rapidamente se transforma em motivo de chacota.</p>	<p>Percebe muita diferença pois identifica que os estudantes não cotistas, em geral, sabiam o que era pesquisa e a importância do currículo lattes. Ela só foi conhecer o que era o lattes ao longo da preparação para a seleção do mestrado.</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>Maria participou de atividades de pesquisa e também de atividades políticas, como o grupo Negração. Sua experiência de pesquisa não foi positiva, pois revela que não recebeu orientação adequada para entender o que estava fazendo. Participa também de um coletivo de psicólogos negros.</p>

Reafirmando Direitos: Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

<p>Avalia que, quando criança, se via de forma diferente. Sempre se viu como negra, embora não soubesse o que significava ser negra. O fato de parte de sua família ser branca e parte ser negra dificultava sua percepção, mesmo identificando que as relações estabelecidas na escola se davam de maneira diferente. Não apenas alterou sua percepção sobre identidade, mas procurou trabalhar estas questões com os filhos, por meio de literatura com personagens negros. No entanto, sempre se deparou com a dificuldade em encontrar livros com temática ou personagens negros nas livrarias de Curitiba.</p>	<p>Fez referência a comentários de colegas que se achavam muito melhores que ela. Sugeriam que ela lesse direito o texto pois não devia ter entendido. Coisas assim. Quando surgia algum assunto sobre relações sociais, todos olhavam para ela esperando um comentário para rotularem de mi mi mi.</p>	<p>Ressente-se de não haver participado de iniciação científica, pois acha que é só para 'queridinhos'. Participou de vários coletivos que, além de debater a política de cotas, também se organizava para levar o debate para dentro das escolas, para os alunos do ensino médio.</p>
<p>Mária Beatriz</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>
<p>Clementina de Jesus</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>No curso de Enfermagem participou de monitorias como voluntária e depois ingressou, com bolsa, no PET. Agora, no curso de Psicologia, reconhece ainda mais a necessidade de discutir a dimensão do racismo. Participou de uma disciplina discutindo estas questões, mas não de coletivos específicos. Durante a graduação teve uma bolsa de iniciação científica e participou de uma pesquisa sobre racismo. Mas saiu das bolsas, pois o valor era muito baixo. Não participou oficialmente de coletivos, mas esteve presente nas ocupações da reitoria em defesa das cotas no ano de 2016.</p>
<p>Luíza Mahin</p>	<p>Afirma que na universidade sentiu o peso do racismo institucional, onde ninguém fala, mas você percebe o peso do racismo. Relembra que nos primeiros anos na universidade andava com muitas pessoas brancas, mas se sentia excluída. Ao passar a andar com pessoas negras sentiu que fez muita</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>

Reafirmando Direitos: Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

<p>O reconhecimento de sua negritude se dá, basicamente, no ensino fundamental e na puberdade, justamente, naquela época em que os relacionamentos estão se iniciando. O fato de ser chamada de pretinha e cabelo duro parecem cumprir um papel no isolamento e na vergonha de si que Tia Ciata relata. Diz que nunca ouviu nada referente aos cotistas, mas rememora um episódio em que ouviu uma estudante branca relatando o susto de sua avó italiana, ao chegar no Brasil, se deparar com os escravizados e imaginar que eles eram macacos. Theodoro, que afirma compreender o espanto da avó, já que provavelmente nunca tinha visto homens negros, afirma que este episódio mudou sua vida.</p>	<p>Segundo Tia Ciata, a discriminação era mais pela questão racial e étnica do que pelo fato de ser cotista. Relata a decepção com a incapacidade dos professores de distinguirem os estudantes negros que andavam juntos. Eram tratados como todos iguais e, igualmente, ignorados.</p>	<p>Uma das estratégias na trajetória de Tia Ciata foi trocar de escola. Essa troca está relacionada ao aumento de violência na escola do bairro e também a fama que a nova escola tinha de preparar para o ingresso no ensino superior.</p>	<p>Desde o início do curso, participa de um projeto em um laboratório. A bolsa recebida fazia diferença para sua permanência na universidade. Participou ativamente da criação de um coletivo na universidade, mas acabou se desvinculando dele em razão de alguns atritos internos.</p>
<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>Estudou parte do ensino fundamental no Sesi de sua cidade, mas em razão da mudança da família concluiu o ensino fundamental e médio em uma escola estadual.</p>	<p>Fez um curso semiestensivo para ingressar na universidade.</p>	<p>Teve bolsa de iniciação científica. Nunca participou de coletivos ou mobilizações políticas vinculadas às questões das cotas. Por isso, ficou feliz em poder contribuir com a pesquisa.</p>
<p>Theodoro Sampaio</p>	<p>Segundo ele nunca percebeu nenhum tipo de discriminação.</p>		

Reafirmando Direitos: Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

<p>Teresa Cristina</p>	<p>Faz uma avaliação crítica do fato de ser negra na cidade de Curitiba.</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>No primeiro ano do curso de Química, havia uma perseguição muito grande aos cotistas e também aos negros não cotistas, mas que eram vistos como cotistas. Havia na turma uma estudante negra que criticava muito as cotas e era muito perseguida, porque se destacava em termos de desempenho. Quando se transferiu para a turma de Ciências Sociais, as coisas ficaram mais tranquilas, pois os colegas de curso apoiavam as cotas. Verdiano fez referência a uma aula em que uma professora convidada insistiu, repetidamente, em deslocá-lo dos lugares em que estava. Depois da aula, a professora titular da disciplina chegou pra ele de modo constrangido e lhe pediu desculpas pela situação.</p>	<p>Participou da iniciação científica tanto no curso de Química e também de Ciência Política. Não participou de coletivos de estudantes.</p>
<p>Veridiano</p>	<p>Identifica que quanto mais escura sua pele mais difíceis são as coisas: mais facilmente fica desempregado e com frequência é apontado como alguém que não batalha e nem busca oportunidades.</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>Joaquim Barbosa faz referência a um caso ocorrido com um amigo, negro e de cabelo crespo. Em seu primeiro ano, durante uma conversa com o coordenador do curso, ele teria ouvido que não poderia se tornar juiz, como ele queria, pois não tinha o perfil da justiça e, além disto, precisaria cortar o cabelo.</p>	<p>Já participou de palestras e raciais e de cotas, mas nunca integrou nenhum movimento ou coletivo. Conhece vários porque sua irmã participa.</p>
<p>Joaquim Barbosa</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>Resalta que foi sua participação na iniciação científica, as publicações que fez, os eventos de que participou, que possibilitaram seu ingresso na pós-graduação. Participou, também, de um coletivo LGBT que tem lutado para aprovar questões importantes para a população LGBT na universidade e na cidade.</p>

**Reafirmando Direitos:
Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro**

<p>Juliano Moreira</p>	<p>SEM RESPOSTA</p> <p>Reflete sobre o fato de ser negro e de pele clara e viver uma série de situações vinculadas a sua cor. Ao mesmo tempo em que percebe que muitas vezes é seguido ou não atendido em shoppings ou lojas, já viveu situações de ser confundido com o garçom em um restaurante onde iria jantar com uma amiga ou confundido, por um desembargador, com manobrista de elevador no tribunal de justiça. Luiz é advogado.</p>	<p>Afirma que identificava preconceituosos na turma, mas preferia não se relacionar com eles. Assim, não enfrentava dificuldades nas relações.</p>	<p>Percebeu modos diferentes de tratar estudantes negros, no acesso ao hospital, por exemplo. Enquanto os demais entravam livremente, dos negros se exigia crachá.</p> <p>Relata, também, que, por fazer parte da primeira turma de ingressantes, houve na época muitos mandatos de segurança. O curioso é que o juiz que deu as liminares era professor da turma de Luiz. Relata que pouco tempo depois o juiz foi demitido por ter fraudado o concurso que ele entrou na universidade.</p>	<p>SEM RESPOSTA</p> <p>Fez referências a uma entrevista feita pela RBS com estudantes contrários e a favor das cotas. Na ocasião, entrevistaram um estudante da última turma que ingressou sem as cotas na universidade que intitulou sua turma de última turma pura do Direito, fazendo referência ao livro clássico usado no Direito e intitulado “Teoria pura do Direito”.</p>	<p>SEM RESPOSTA</p> <p>Durante o curso recebeu uma bolsa do Pet e também se vinculou a um grupo mais à esquerda do curso que atuava na defesa das cotas na universidade.</p>
<p>Luiz Gama</p>					

3.2.2.1 Percepções sobre identidade e pertencimento

De maneira geral, os(as) entrevistados(as) revelam uma forte consciência de sua cor, mas o que parece se modificar é a politização dessa cor em direção à construção de uma identidade negra. Nesse sentido, o contato com grupos, coletivos e núcleos de pesquisa sobre a temática parecem fazer diferença no interior da universidade, ao passo que o debate familiar dessas questões parece também contribuir com essa politização da identidade.

Foi dentro da universidade que comecei a me perceber como negro (...) A partir disso, eu fui procurando e essa procura exigiu que eu assumisse com posicionamento mais firme essa questão. Foi quando eu me assumi, me declarei frente ao mundo enquanto negro (André Rebouças - Nordeste).

Eu me declaro como negro, 'a priori' pelo tom, pela cor da pele e pelo contexto histórico, social de onde eu vim, de onde eu nasci. Os meus pais contam que o meu avô era escravo, então sempre me comparo, porque dos netos eu sou o mais escuro e eles dizem que eu me pareço com o avô da minha mãe, porque ele era bem negro, e todos dizem que ele era escravo. Então, a partir desses elementos, eu me considero como negro. (Mário de Andrade - Norte)

É uma pergunta interessante, porque agora eu me autointitulo afro-índia. Quando eu entrei na UFBA, eu entrei me autodeclarando índia. Nessa época a gente tinha essa opção e eu me identifiquei como tal. Hoje também me sinto confortável em me autodeclarar afrodescendente. Todos nós somos uma coisa e outra, mas até que você consiga se perceber em uma coisa ou em outra ou nas duas ou em nenhuma das duas, é um processo de construção mesmo, leva tempo. Há uns quatro

meses eu participei de um minicurso inclusive com uma professora da UFRB e aí ela me perguntou por conta da minha imagem, que eu tenho uma pele morena, cabelo liso, e eu disse que eu sou afro-índia e ela riu. Eu externei isso para alguém, mas isso ainda está meio confuso. (Luisa Bairros – Nordeste)

O único dos entrevistados que interrompeu a graduação no último ano e, portanto, não concluiu o ensino superior, atribui esse rompimento ao sentimento de não pertencimento à universidade, além de sua autoestima abalada por episódios de racismo que havia sido submetido ao longo de sua vida.

E aos poucos eu fiquei sabendo também que a minha trajetória no curso, na pesquisa, não estava condizendo com a minha reflexão que tenho sobre a questão racial. Passei por dois orientadores, fiz parte de quatro projetos de pesquisa, mas os orientadores que eu tive eram brancos e não tinham uma reflexão sobre a questão racial, então eu percebi que estava seguindo um caminho que me levaria a marginalidade com relação à minha trajetória acadêmica porque não é comum e visível estudarmos na academia teóricos e teóricas negros. Então se nada na minha trajetória estava fazendo com que eu rompesse com esse tipo de destino, não fazia sentido eu permanecer nessa mesma trajetória, tenho que fazer alguma coisa para que ela seja alterada. Isso me levou também a abandonar o curso, além do emocional, que não me permitia ficar muito tempo no centro acadêmico. Então não via muito sentido continuar com esse martírio (André Rebouças).

Para outros entrevistados, que resistiram à inúmeras situações de discriminações, diretas e indiretas, e concluíram seus cursos, o contraste vivido por esses alunos com ambientes majoritariamente compostos por brancos e por sujeitos de classes sociais mais abastadas cumpriu o papel de politizar as identidades.

Então assim sempre me vi enquanto diferente porque pra quem mora no Rio Grande do Sul essa diferença é bem acentuada, a todo momento, aqui nós temos um estado bem racista então desde criança eu fui apontada como diferente. Estudei em colégio particular até a terceira série apenas, já senti a diferença, mas não conseguia nomear o que que era essa diferença, aí quando eu fui pra escola pública e ah! eu ia até a escola pública de van, então, na van, acho que foi na primeira semana já me foi apontado que eu era negra né? que as meninas cantaram na van aquela música nega do cabelo duro e aí foi quando caiu a minha ficha do que era a diferença, a diferença era que minha pele era preta e a delas era clara. Então, a partir daí eu já me deparei com o racismo, com nove anos, é, nove anos. E desde então assim é um assunto que na época meus pais como qualquer, eu entendo, que a reação dos pais é acolher e dizer pra gente não dar bola, pra gente né, e acabam silenciando uma questão que não devia ser silenciada. Então, a minha adolescência toda eu sabia dessa diferença, eu percebia a diferença, porque embora eu estudasse em colégios estaduais eu sempre fui a única ou né entre os únicos três da turma enquanto negros. Então essa diferença ela sempre foi presente para mim. Então na universidade que foi o mais tenso, assim, porque daí sim éramos eu e mais dois, num universo branco, que nos apagavam e nos silenciavam a todo momento. (Maria Aparecida – Sul)

Já me vi de forma diferente eu acho... Acho que... não sei explicar como, mas acho, durante a infância... eu não tinha essa noção, ou melhor, acho que quando a gente é criança não tem a malícia de entender o que é o racismo, então você também não percebe o quanto você é diferente perante as pessoas, também, acho que eu tinha dificuldade de me perceber, eu sabia que era negra, mas eu não sabia o que era ser negra, eu não

entendia isso porque parte de minha família é branca, parte de minha família é negra e dentro da minha família eu não via grande diferença né, quando chegava na escola começava a ver assim, alguma coisa, a forma de tratamento das pessoas. (Esperança Garcia – Sul)

Na verdade, eu fui começar a me entender como um homem negro quando eu tive acesso à graduação. Nunca foi para mim um problema ser negro, mas eu não tinha o entendimento de quanto isso era importante na minha identificação como sujeito, porque eu sempre tive contato, desde pequeno, com crianças brancas, eu sempre era a minoria na escola, na minha turma, no círculo de amizades, mas nunca me entendi diferente do que uma criança, do que um menino negro, porém nunca foi uma questão de problematizar a minha existência como sujeito negro. Eu comecei a questionar isso na graduação, porque surgiram vários problemas e situações que eu tive que me deparar com a questão de ser um homem negro na academia. Eu passei a minha infância inteira tendo consciência de que eu era uma criança negra, mas nunca foi problema para mim. (Solano Trindade, Sudeste)

Importante destacar que esse sentimento de pertencimento não é algo da cabeça de nossos(as) entrevistados(as). Nos depoimentos a seguir, nossos(as) entrevistados(as) nos falam sobre episódios em que a afirmação de que eles não pertencem àquele lugar, seja por meio do não reconhecimento como estudantes, seja nas contradições que alguns deles vivem de fazer parte, de modo incompleto, de dois mundos distintos.

Teve o episódio da pessoa achar que eu trabalhava na universidade como zelador ou segurança, e seguranças me pedir a carteirinha, e todo mundo entrando sem carteirinha. É aquela coisa, o que você está fazendo aqui? Esse não é o seu lugar comum. Não sou estudante até que eu prove o contrário.

*Fora piadinhas tipo, tinha que ser preto, esse tipo de coisa.
(Zumbi dos Palmares – Sudeste)*

E a questão dos amigos é bem interessante, eu penso muito sobre isso né, porque eu tenho amigos que também tão se formando agora ou se formaram comigo, eu tenho amigos que tão no início da faculdade, mas tenho amigos que tão aqui na vila e que nunca se interessaram por isso, por mais que eu tencione que as pessoas vão, mas eu acho que também todo mundo tem a sua liberdade de escolha e que talvez a vida acadêmica não é pra determinadas pessoas. E aí quando tu pergunta é bem interessante isso até essa semana eu tava falando tem um grupo de amigas que eu jogo futebol, aqui numa escola, numa escola que eu estudava, então a gente tá com grupo a gente tá treinando duas vezes por semana e esses dias a gente tava voltando pra casa e uma delas falou: ah, eu não vou poder na quinta-feira porque agora vou ter aula na quinta aí elas, ah, mas o que tu tá fazendo é faculdade? to fazendo o mestrado, aí elas riram. Aí eu comentei com a minha mãe o único lugar que dá uma vergonha de falar é aqui, porque tu vira motivo de chacota, pô tu tá no mestrado eu não terminei nem o fundamental, eu nem sei o que que é mestrado. Aí eu fiquei assim, dei risada e falei, daí a gente tem que ser malandra que nem elas, não é que tu tá de bobeira, se ta viva tem que estudar, ainda dá tempo. E eu acho muito interessante isso que acontece porque foi um processo que aconteceu durante toda faculdade. E aí a gente tem um amigo, um colega, que sempre fala isso, que quando tu é cotista na universidade tu se torna um sujeito híbrido, porque, na verdade, na faculdade tu é uma coisa e tu, né, tu toma um baque, aí tu tem que mudar a forma de falar, a forma de vestir, a forma de pensar; mas tu volta pra casa, e a tua raiz ta aqui e tu tem que voltar. Porque

se tu falar a linguagem que tu fala na faculdade aqui, vão rir de ti. E vice-versa. (Maria Aparecida - Sul)

Os depoimentos de Luiza Mahín e Matilde Ribeiro, refletindo suas estratégias de permanência na universidade menciona o grupo do qual fez parte durante sua graduação, o que reforça algumas das reflexões apresentadas no capítulo dedicado a refletir sobre o papel dos grupos e coletivos na viabilização da permanência de estudantes negros e indígenas no ensino superior.

Então, sim, tinha bastante diferença, e no início eu andava com muitos colegas brancos e não cotistas e eu me sentia muito excluída mesmo andando com eles e a partir do momento que eu comecei a andar com pessoas cotistas, pessoas negras dentro da universidade, fez muita diferença, a gente vê que tem diferença sim, né. Muitas vezes não é explícito essa diferença, não é delimitada, mas tem muita diferença, que a gente sente que é completamente diferente o tratamento que é feito entre cotistas e não cotistas. Antes da universidade, eu entendi que racismo era algo muito explícito. Então, a pessoa te chamar de macaco, tinha que fazer alguma coisa. E quando eu entrei na universidade foi ali que eu realmente senti o peso do racismo institucional, aquela coisa que ninguém fala mas tu sabe que tem alguma coisa errada, que alguma coisa tá acontecendo. (Neusa – Sul)

Eu nasci em Salvador, nascida e criada no subúrbio ferroviário de Salvador, num bairro chamado Escada, que é um bairro que ninguém nunca ouviu falar e quando eu ingressei na UFBA, como toda jovem de periferia, encontrei uma série de dificuldades para me relacionar com os colegas e a gente termina formando pequenos grupos pra gente conseguir sobreviver naquela selva de pedra. Mesmo sem querer, mas depois a gente descobriu que era sem querer querendo, o

meu maior convívio era com colegas também do subúrbio ferroviário. E a gente foi construindo uma rede de apoio. E a gente compartilhava xerox, livros. Fui o primeiro membro da minha família a ingressar numa universidade. Meu pai tem só o fundamental, minha mãe conseguiu concluir o fundamental, meu pai é porteiro até hoje, minha mãe foi durante muitos anos empregada doméstica e hoje ela é chef de cozinha de um restaurante um pouco conhecido em Salvador. Eu tenho três irmãs e nenhuma delas depois do ensino médio ingressaram na carreira acadêmica. Sou a mais nova de uma família de quatro filhas. E a gente obviamente carrega toda uma responsabilidade, porque as pessoas projetam coisas, a primeira, a desbravadora, há toda uma dificuldade que eu sempre comento sobre isso de você vir de uma família, que não tem tradição acadêmica e você se manter academicamente de maneira produtiva, é bastante complicado. (Matilde Ribeiro – Nordeste)

3.2.2.2 Relações sociais acadêmicas

Quando indagados(as) sobre a percepção, ou vivência de algumas situação de discriminação contra os estudantes cotistas, poucas referências foram feitas ao racismo ou à discriminação intersubjetiva, aquela expressa em xingamentos e ofensas, seja contra os(as) estudantes negros ou contra os(as) cotistas. Nesse caso, aparecem mais ofensas em relação à qualidade desses(as) estudantes cotistas, negros e indígenas, o que acaba provocando algumas tentativas de ocultar a condição de ingresso por cotas.

No primeiro ano de cotas, eu lembro que por causa das polêmicas que geraram isso era muito mais falado, aham, então eu lembro que no meu primeiro dia de aula na Química, as meninas ficavam olhando e perguntando se a gente era cotista: ah, você é cotista, ah mas daí mais eu lembro que eu

tava do lado de uma menina, ela perguntou pra mim, eu sou cotista, a menina do meu lado e você e a menina não, claro que não. Ah mas você tem o cabelo cacheado, era uma menina branca, só tinha o cabelo cacheado, não, mas você podia ser e tal então dava essas polêmicas. Lembro de acontecimento dentro do curso de Química especificamente, eu tinha uma amiga que era negra e não era cotista que não tinha todo né e a tinha resistência as cotas porque ela comprava ideia de que a mídia vendia. Ah, entrar pela porta dos fundos, toda essa. E ela foi extremamente perseguida, porque ela era melhor do que os outros, ela se destacava e as pessoas falavam que ela era cotista e que ela mentia que não era. Então, várias situações desse tipo, quando eu mudei pras Ciências Sociais, as coisas são mais tranquilas, né, as pessoas que estudam a sociedade, isso não entrava em pauta, inclusive, tinha todo apoio entre os colegas ao estudantes que eram cotistas. Tanto que em minha formatura o discurso foi todo voltado pra questão das cotas, mesmo tendo... quatro... acho que foram quatro cotistas e o resto da turma não era, mesmo assim todo mundo apoiou, que a gente valorizasse isso, o fato de ter quatro cotistas se formando. (Teresa Cristina – Sul)

Ao passo que é possível ocultar a condição de cotista, a condição de negro não se pode ocultar.

Vou te dizer que pelo menos na minha experiência eles nunca pautaram a questão de ser cotista ou não. Mas a questão de ser negro ou não, indígena ou não, isso era bem visível assim. E eles, ok, nós tínhamos realmente dificuldades pela nossa questão de estudar, de tempo e tal. Mas a gente sentia como se eles nos tratassem sempre como burras, assim, né, e eles não sabiam diferenciar a gente, como eu disse a gente vivia com um grupinho de cinco, então eles não sabiam diferenciar a gente. Eu era tratada pelas minhas colegas assim como elas

por mim toda hora ali ao longo do semestre no sentido de não foi falta de contato pra ti gravar o nome ou o rosto. Enfim, acho que isso já demonstra que os professores passavam de uma certa forma batido por quem eu sou, esse aluno tem uma dificuldade nisso, esse aluno é melhor nisso, o aluno precisa disso, então a gente era praticamente uma só. (Tia Ciata – Sul)

Se, durante as entrevistas realizadas, poucas eram as referências diretas às discriminações abertas, sobretudo, envolvendo os(as) próprios(as) entrevistados(as), as referências às dimensões do apagamento e do silenciamento aparecem de modo recorrente, evidenciando um refinamento no letramento racial daqueles que conseguem identificar o racismo para além do estereótipos raciais.

Todo dia. O tempo todo. A começar por não ter professor negro, o que não é uma forma de preconceito descarado, pichações em banheiros é comum com frases chulas como: aqui dentro vocês estão protegidos, mas lá fora serão eternos escravos, ataque na internet, o olhar quando você vai falar sobre questão racial, olhares estranhos, confusões de meninas que são estudantes e são confundidas com zeladoria. Dentro de dez anos na universidade, porque eu emendei o mestrado, mesmo a presença de negros sendo maior e mais visível do que em uma Usp ou Unicamp, mesmo assim ainda existia muita essa questão, principalmente com a mulher negra, eu vi muito. (Zumbi dos Palmares – Sudeste).

A primeira aula foi de Português, eu acho, aí começaram as apresentações, dizendo aonde você morava, nome, o que você fazia, e a gente começou a se apresentar como quilombola, teve um professor só que sabia o que era uma comunidade quilombola, os outros, nenhum sabia o que era isso, diziam até ‘isso não existe’, digo que existe, a gente não está aqui? (Carolina Maria de Jesus - Nordeste)

A partir dessa percepção, eu comecei a perceber no cotidiano os processos de exclusão, seja a falta de professores negros dentro do curso, seja a invisibilidade que estavam dando para a minha produção acadêmica, por exemplo, eu fiz um trabalho no ano retrasado, junto com um amigo que é branco, a gente apresentou junto, só que depois da apresentação as pessoas foram parabenizar o meu companheiro que estava no meu lado e eu fiquei como se não estivesse ali. Isso representa muito essa invisibilidade, eu me senti cumprido ali um papel secundário, de ajudante. Mas o que de fato me levou a abandonar o curso foi porque fui reprovado em todas as disciplinas e fui jubilado. Isso foi em 2017.2. (André Rebouças – Nordeste)

Quando indagados(as) sobre a natureza das relações estabelecidas entre os(as) estudantes e os colegas, professores(as) e técnicos(as) administrativos, em geral, afirmaram que as relações eram amistosas, embora com um pouco mais de proximidade nas áreas humanas e sociais em comparação com as áreas de exatas e da saúde.

Eu tive duas professoras negras na área de saúde coletiva e foi importante ter essas referências, mas não teve nenhum diálogo, nem mesmo na nutrição, no aspecto da comida do negro, nem a nutrição racial na sociedade, nada disso. (Elizeth Cardoso – Sudeste)

Já os professores, de forma geral, é lógico que você tem professores que são mais enérgicos também, que também são contra, mas o que eu vi, de fato, existia por parte de alguns professores um certo tabu para falar sobre as cotas. Era o professor que evita falar. Então essa é a relação, os professores não falam, tudo ok, sou a favor de cotas, mas não vamos colocar isso em discussão. Tive professores que achavam que quando você vai urbanizar uma favela não achava que o recorte de raça e de gênero fosse importante, por exemplo. Sei que não

é de uma hora para outra que vamos mudar uma sociedade racista. Hoje a questão social não explica mais, não é capaz de te dar a solução só separando por pobres, classe-média e ricos. Não é o bastante, tem que separar por raça, gênero e muitos professores não levavam isso em consideração. (Zumbi dos Palmares – Sudeste)

Foi um curso muito interessante durante os quatro anos da graduação, gostei muito das aulas, me proporcionou um aprendizado bom e ter me tornado um excelente professor. Apesar da gente ter algumas disciplinas voltadas para a área da pesquisa e já que o nosso curso era voltado para a licenciatura, então acho que pecou um pouquinho nessa parte, mas de um modo geral foi bem interessante. Alguns professores ofereceram grupos de pesquisa, de estudo, e isso contribuiu de forma significativa. (Mário de Andrade – Norte)

Eu tomei conhecimento do que era a universidade, o que era a reitoria, as pró-reitorias, conheci alguns professores, colegas de outros cursos, fiz algumas amizades no dia de matrícula e já me aproximei de um grupo, em que todos vinham de escola particular e escolas estaduais melhores do que a que eu estudei. E nesse momento eu tomei conhecimento de um grupo de estudos afro-brasileiros. Conheci as bolsas, outros projetos da universidade e eu fiquei atenta. E nisso, eu tenho um padrinho de crisma, com três filhos e todos eles na universidade, inclusive, eles me emprestaram os livros de Literatura pro vestibular, e eles tinham falado pro meu pai que existiam na universidade essas bolsas e que eu poderia tentar. Ai conheci professores como o Moisés de Melo Santana e em 2005 foi o último ano dele na universidade, às vezes eu penso que o Moisés estava esperando eu e outros colegas entrarem na universidade pra partir de Alagoas, porque ele

*foi a nossa primeira referência dentro das ações afirmativas.
(Sueli Carneiro – Nordeste)*

3.2.2.3 Permanência e participação

Embora muitos entrevistados reconheçam a dificuldade de acessar bolsas de iniciação científica, alguns sinalizando as panelinhas existentes no acesso a tais bolsas, boa parte dos(as) entrevistados(as) participaram da iniciação científica. Alguns utilizaram como estratégia de aquisição de bolsas a entrada como voluntários e depois se efetivaram como bolsistas remunerados. A participação nesses espaços permitiu vivenciar melhor a universidade e, para alguns, significou vivenciar diferentes espaços acadêmicos e lugares no Brasil não conhecidos.

[...] bolsa de permanência porque uma iniciação científica né... só aquele queridinho dos professores que geralmente não são os cotistas raciais. (Esperança Garcia – Sul)

Participei! Eu participei de muitas coisas assim na UNB. Participei de dois grupos de pesquisas que fizeram muita diferença na minha vida – um de avaliação psicológica na área de segurança pública e o outro psicodinâmica do trabalho feminino. Então são duas áreas que eu tenho muito interesse. Fui presidente da empresa júnior e participei muito de grupos de pesquisas, tanto é que os projetos que estou envolvida agora são de um grupo de pesquisa específico, que a professora diz que eu fui quase um presente pra ela, de tão bem que eu me dei com a área. (Auta de Oliveira – Centro-oeste)

Fiz vários estágios também, pois desde o começo eu precisei, era uma condição para eu estar em Brasília, trabalhar. No segundo semestre, eu já consegui um estágio e estagiei do segundo semestre até o último em vários lugares. Quando ia

acabando o contrato, eu ia atrás de outro. Além disso, no fim da graduação, eu fui ao Centro de Convivência Negra, na UnB e eles têm alguns projetos e um deles o afro atitude, uma política relacionada à saúde, informações sobre Aids, e a UnB foi transformando até que se transformou em uma política, até ganhei uma bolsa de iniciação científica e foi lá que eu comecei a me aproximar mais dessa pauta racial academicamente. (Lélia Gonzales – Centro-oeste)

Eu queria muito ter ficado como bolsista, na verdade, eu fiquei como voluntária, porque não dava pra eu viver com a bolsa de estudante, porque eu tinha a conta de casa pra pagar. E era somente eu e o meu irmão que trabalhava, então, eu participava do grupo de pesquisa como voluntária. Acho que no terceiro semestre da universidade eu passei a trabalhar a noite, porque eu trabalhava como secretária escolar (Beatriz Nascimento – Nordeste)

E dentro da graduação, a Ciências Sociais, ela é genericamente três cursos, Antropologia, Sociologia e Ciências Políticas, e quando chegou as disciplinas de Antropologia, eu me encantei com a disciplina de Antropologia e acabei fazendo amizade com o professor e ele me falou sobre o interesse de pesquisa dele sobre a população ribeirinha, aí quis fazer com ele essa pesquisa. Fizemos um projeto, foi aprovado e fiquei um ano como bolsista, Pibic, remunerada, 400 reais, me ajudou muito. O desdobramento disso foi muito importante porque participei de muitos eventos, conheci o nordeste todo por conta desse projeto. Esse carinho que eu tenho pela universidade é porque eu viajei, aproveitei tudo que era oferecido. Os meus colegas jovens só foram atinar para isso já no final do curso, me perguntando como era isso, e eu disse, acabou, o curso acabou já, a professora falou isso no quarto período, gente.

Eu era o orientando no projeto e acabei conhecendo o Natal, Alagoas e Paraíba, participei de vários eventos. Tenho até um artigo publicado, um recorte da pesquisa que eu fiz. (Lima Barreto – Norte)

Alguns reconhecem, inclusive, que a participação na iniciação científica exerceu papel importante no ingresso na pós-graduação e, sobretudo, para a mudança de perspectiva de vida.

Foi aí que eu fiz contato com o professor que foi o meu orientador no mestrado, que eu conheci ele no primeiro ano da graduação e solicitei a ele que eu pudesse fazer iniciação científica na Unifap, porque a pesquisa na Ueap não existia. E aí fui para Unifap, ele me abriu as portas e comecei a participar de pesquisa na nossa área, eu trabalho com planejamento racional de fármacos e novas tecnologias. E aí comecei a ter outra dimensão das coisas. A Unifap já tinha naquela época o Pibid e na Ueap tinha mas ficava restrito ao campo das humanas e a gente foi questionar e foi ampliada essa bolsa, em 2012, para outras áreas. Aí consegui o Pibid e consegui ter uma maior tranquilidade para conseguir estudar, para me manter. Adiante, teve outro processo da extensão da Unifap, em que os professores me convidaram para participar, que foram as Olimpíadas de Química e isso também ajudou a complementar a minha renda. Já a questão dos auxílios da Ueap, eu terminei o curso e eles não conseguiram resolver. (Zózimo Bulbul – Norte)

No primeiro ano, quando entrei na universidade, eu estava com um amigo, fazendo frila [trabalho como freelance], porque no primeiro ano você não pode ser bolsista de nada, é tudo do terceiro período em diante. Como eu já tinha vindo de outra universidade, já vim com a ideia de ser bolsista de pesquisa, me manter com essa bolsa. No primeiro ano, já comecei a

escrever projeto, só que surgiu a oportunidade de trabalhar no PET indígena, aí eu pensei, eu vim pra Manaus para aproveitar e me envolver com a arte indígena, aí o PET indígena é uma maravilha e acabei sendo bolsista do PET durante três anos. Foi uma experiência muito boa, aprendi muito, porque o PET tem a graça de ser organizado pelo tripé que é a extensão, iniciação científica, então é muito bom e eu tive a oportunidade de participar do PET (Aleijadinho – Norte)

(...) foi um projeto [de extensão] que eu consegui levar para dentro da comunidade de fato, porque até então vinham grupos, passavam pela comunidade toda vez que passava pelo território, mas não se aprofundava para saber como a comunidade sobrevivia, trabalhava e junto com esse programa a gente conseguiu fazer. Fizemos esse levantamento e através desse programa conseguimos fazer um seminário dentro da comunidade, mostrar as nossas dificuldades, o que é bom e o que é ruim da comunidade a gente conseguiu mostrar (...). Foi um programa onde eu consegui me desenvolver mais. Juntou a graduação com o curso, esse projeto foi tipo um estágio para mim. Hoje a comunidade está mais desenvolvida, impactou a minha própria comunidade, mas não foi só nela, mas lá teve mais foi onde o projeto mais se destacou. (Carolina Maria de Jesus – Nordeste)

[quando perguntado se fez alguma publicação enquanto bolsista de iniciação científica] Sim, inclusive, foi por causa disso que eu consegui ingressar na pós-graduação, eu consegui publicar na minha graduação com a minha orientadora em uma revista (periódico) que hoje está em Qualis B1, enfim, mesmo na graduação foi importantíssimo conseguir publicar em uma revista de Qualis C, depois consegui participar de eventos aqui, nacionais, consegui ainda organizar eventos

na minha universidade e em outras universidades, também, e nos eventos de iniciação científica da minha universidade e das outras próximas, e ano passado também eu fui convidado também pra fazer parte de banca de trabalho de conclusão de curso, enfim. (Joaquim Barbosa – Sul)

Com exceção de um entrevistado que abandonou o curso no último ano, todos concluíram a graduação no tempo previsto, ou com poucos semestres a mais, além de relatarem ter tido desempenho favorável se comparados com a média da turma. Contudo, importante destacar que uma parte das falas apontam para um processo com custos emocionais importantes, pois, ao longo da trajetória, depararam com dificuldades financeiras que por pouco não culminaram no rompimento desse percurso:

Eu acho que o desespero de eu saber o que era ser cotista e a consciência de saber o que acontecia com pessoas na situação que eu estava me ajudou a não parar, a não atrasar o curso e não desistir das matérias (...). Apesar de ver colegas que não passaram, mas por se não importarem tanto tiveram rendimento menor. Eu acho que comparando, a minha trajetória foi melhor do que a de alguns deles, que não são cotistas, academicamente falando, mas não foi tão bom pra mim. Consegui me formar, tirar boas notas, consegui não ser reprovado em nada, não tranquei nenhuma disciplina, o meu histórico talvez seja bem bonito. Mas eu não sei se estar com o psicológico tão destruído e com a minha saúde física também, foi uma coisa tão interessante. (Luís Gama - Nordeste)

Fui empurrando com a barriga tanto o meu psicológico quanto as disciplinas e também não fiz questão de trancar e depois voltar para ter só o diploma e com o incômodo de estar em um lugar como este e não estar bem. Agora me sinto bem melhor, porque fui me preparando psicologicamente e eu faço parte do movimento negro, então, ajuda muito. Politicamente, eu me

organizo no PSOL, que aqui ainda não tem nenhum setorial de negros e negras, está sendo construído agora e estou participando disso. Mas os espaços de discussão em eventos estou sempre participando, me debrucei muito sobre textos, livros que tratam da questão racial, filmes, documentários. A internet também me ajudou bastante, encontro no facebook pessoas que se identificam com isso. Fui me preparando melhor, me instrumentalizando. Agora, as questões de racismo comigo não estão me impactando tão forte quanto antes. Agora já tenho uma noção melhor do que significa e que isso pode continuar acontecendo, e estou sendo preparado para esses episódios. Me sinto mais preparado para estar retornando a esse lugar. Está dando para seguir sem crises e sem desequilíbrios como estava antes. (André Rebouças - Nordeste)

A rede de apoio de amigos (de movimentos como os de LGBT ou de movimento negro) é apontada pela maior parte como fonte de apoio emocional e financeiro durante a graduação, na ausência de apoio familiar e institucional nesse quesito.

Eu procurei residência e não tive, porque foi o que mais me impactou no ensino superior do que no ensino médio, porque eu assumi que era gay no final do ensino médio para minha família, daí começaram as discussões com a família, durante a faculdade. Aí fui na assistência social para falar o que estava acontecendo, sendo que elas agiram comigo de uma forma extremamente burocrata, disseram que o meu caso era um caso que não estava registrado, porque a LGBTfobia familiar não era caracterizada no estatuto da UFRN e que eles não podiam fazer nada. E eu fiquei a 'deus dará' e eu queria muito concluir o curso e eu só consegui continuar porque os meus amigos me ajudaram. Porque a minha família toda me boicotou. (Luís Gama - Nordeste)

Eu estava em casa e aí assisti na televisão, uma entrevista da professora Isaura Silva, era uma professora aposentada da Universidade Estadual do Maranhão, daqui de Imperatriz, e ela foi a fundadora do movimento negro. Ela estava dando uma entrevista sobre o dia de enfrentamento ao racismo, que acontece em março aqui. E aí ela falou que os estudantes que tivessem interesse de ingressar no movimento negro que procurasse as redes e deu o nome do lugar, e aí eu fui e procurei, cheguei lá e ingressei e até hoje permaneço e sou grato demais à luta delas. Dentro do movimento negro eu tenho um apoio gigantesco. Eu, em 2016, eu atrasei um pouco a minha escrita da dissertação porque teve a semana municipal da consciência negra eu fui chamado para fazer oito palestras por uma semana, porque eram palestras novas nas escolas, queria que eu fosse para contar um pouco da minha história. (Milton Santos – Nordeste)

Além disso, no fim da graduação, eu fui ao Centro de Convivência Negra, na UnB e eles têm alguns projetos e um deles o Afro-Atitude, uma política relacionada à saúde, informações sobre Aids, e a UnB foi transformando até que se transformou em uma política, até ganhei uma bolsa de iniciação científica e foi lá que eu comecei a me aproximar mais dessa pauta racial academicamente. (Lélia Gonzales – Centro-oeste)

Eu participo de um grupo chamado Juventude da Coordenação Nacional das Negras e a gente faz discussões sobre cotas também. Eu tenho um pouco de ressalva, até dei uma afastada, porque eu acho que são radicais demais. Mas são meninos novos, com 20-21 anos, a maioria filhos de militantes, inclusive eu, então a Juventude se criou a partir dessa filharada que estava emergindo e eles mesmos resolveram fundar esse

grupo e eu fui lá participar de bico mesmo. Eles já têm uma opinião formada por causa dos pais militantes, então a visão deles é outra, eles cresceram nesse meio. Mas eles tentam trazer outros jovens e não só os filhos de militantes e isso que é bacana, com algumas ressalvas como essa loucura de não poder ter brancos. Por mais que a gente seja segregado em determinados ambientes, mas a gente tem que misturar e não separar. (Maria Firmina - Sudeste)

Entre aqueles(as) que revelam a não participação, alguns sinalizam a falta de tempo ou a percepção que tinham em relação à radicalidade dos grupos.

Já no finalzinho da faculdade, eu fui procurar saber sobre algum coletivo negro na UERJ, mas eu até tive medo porque eram coletivos muito radicais. Eu nunca tinha tido a experiência de dialogar sobre o tema. (Elizeth Cardoso – Sudeste)

Eu nunca participei oficialmente de coletivos, mas eu sempre tive presente em eventos pra discussão de ações afirmativas do coletivo 'Negração' e em 2016 houve uma ocupação na reitoria né da UFRGS justamente porque eles queriam alterar as políticas de cotas, que os cotistas seriam prejudicados e essa ocupação gerou o coletivo 'Balanta' onde eu participei dessa ocupação, mas eu não consegui acompanhar mais o coletivo 'Balanta', justamente porque foi o ano que me formei então estava em busca de emprego. (Luiza Mahín – Sul)

3.2.3 Vida após graduação

Tabela 25: Síntese das entrevistas acerca da vida após a graduação: região Centro-Oeste

CENTRO – OESTE	TRABALHO DENTRO E FORA DA ACADEMIA	RELAÇÕES SOCIAIS COMUNITÁRIAS		
Codinome	<p>Ingresso ou mudanças na posição no mercado de trabalho durante e após a graduação</p> <p>Hoje trabalha com turismo no entorno de Brasília. No entanto, quando realiza os passeios turísticos, sempre enfatiza o contexto de produção, no qual 90% dos operários eram negros. Além de falar sobre Brasília, faz questão de falar da importância das regiões administrativas para a construção de Brasília.</p>	<p>Envolvimento ou expectativa de ingresso na pós-graduação</p> <p>A mudança de cidade, em razão da aprovação no concurso para Turismóloga, em Salvador, colocou-a em contato com a UNILAB e a linha de pesquisa que aborda a questão de raça. Está se planejando para concorrer.</p>	<p>Mudanças na percepção das pessoas em sua rede de relações a respeito dos entrevistados após a formatura</p> <p>Avalia que sua entrada na UNB fez com que as pessoas passassem a olhar com mais respeito. Antes ela era muito tímida e com baixa autoestima e agora consegue se perceber como alguém que produz conhecimentos.</p>	<p>Mudanças na percepção das pessoas em sua rede de relações a respeito dos entrevistados após a formatura</p> <p>SEM RESPOSTAS</p>
Antonieta de Barros	<p>Auta de Barros foi entrevistada apenas dois dias após receber o diploma. Havia sido aprovada em dois projetos de pesquisa, mas como não poderia ficar nos dois, iria optar por um deles até conseguir uma posição melhor como psicóloga.</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p>
Auta de Souza	<p>SEM RESPOSTAS</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p>

Reafirmando Direitos: Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

<p>Cruz e Souza</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>Avalia que sua falta de expectativa inicial em relação à pós-graduação tem relação com o fato de ser negro. Revela que, mesmo esta reflexão só foi possível ser feita depois de se aproximar de professores que tematizavam esta questão. Seguindo ele, o desconhecimento de intelectuais negros contribuía para que ele não se visse como um intelectual também; como alguém que pudesse fazer doutorado e lecionar na universidade. Atualmente, Cruz e Souza cursa mestrado.</p>	<p>Cruz e Souza é visto como o filho inteligente da família, aquele que tem potencial para chegar na carreira da magistratura. Ele, por outro lado, afirma que gostou de fazer o curso de Direito, mas não vê seu futuro nessa área.</p>	<p>Tem uma sobrinha que já está na universidade, graças ao incentivo que ele deu para ela fazer Enem e se inscrever no SISU. Tem também um sobrinho que pretende entrar na universidade. Avalia que, para uma família muito humilde e com pouca escolaridade, como a dele, ter um filho com mestrado concluído é como ter um filho doutor.</p>
<p>Lélia Gonzales</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>Ingressou no mestrado, após passar um ano estudando para concursos e fazendo o curso do Pós-afirmativo, de preparação de ingresso na pós. Em 2015, iniciou o mestrado recebendo bolsa, o que ajudava a pagar as contas. Ao final do primeiro semestre do mestrado, foi convocada para assumir a vaga no concurso que havia sido aprovada a pouco.</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p>

Reafirmando Direitos:
Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

Tabela 26: Síntese das entrevistas acerca da vida após a graduação: região Nordeste

NORDESTE	TRABALHO DENTRO E FORA DA ACADEMIA	RELAÇÕES SOCIAIS COMUNITÁRIAS
<p>Codinome</p> <p>Abdias do Nascimento</p>	<p>Ingresso ou mudanças na posição no mercado de trabalho durante e após a graduação</p> <p>Sua avaliação é a de que o mercado para economista na Bahia e no Nordeste é bem restrito, também, por isto não teve muitas oportunidades no mercado. No entanto, apenas seis meses após a formatura passou no mestrado na UFBA e começou a receber bolsa. Mais recentemente passou em uma seleção para o REDA, dentro de sua área, e espera, com isto, melhorar seu currículo na área profissional.</p>	<p>Mudanças na percepção das pessoas em sua rede de relações em relação à universidade e ao ensino superior</p> <p>Percebe como sua trajetória influenciou as aspirações de seus primos de 7 anos e a sobrinha de 14 anos. Sua performance teria influenciado também as tias em estimular os filhos a estudarem. Segundo ele, mudou a mentalidade e a forma de ver os estudos.</p>
<p>Maitilde Ribeiro</p>	<p>Envolvimento ou expectativa de ingresso na pós-graduação</p> <p>Tem um desejo de voltar para a UEFS como professor universitário, por isto a pós-graduação se torna ainda mais relevante. A pós-graduação também representa para Abdias a possibilidade de melhor colocação no mercado e melhor salário. Está na fase final do mestrado, mas não irá tentar o doutorado agora, pois irá viver uma experiência profissional em sua área, que é o que falta em seu currículo.</p> <p>Quando saiu o edital para o mestrado, Maitilde estava em trabalho de campo e foi avisada pelo marido. Mesmo sem ter confiança, achando que não era capaz, Maitilde se inscreveu e foi aprovada. Por um ano, morou na capital, recebendo bolsa. Juntou o dinheiro de três bolsas e meia e comprou um notebook.</p>	<p>Mudanças na percepção das pessoas em sua rede de relações a respeito dos entrevistados após a formatura</p> <p>Faz uma referência emocionada ao seu momento de formatura, tanto pela emoção da mãe em ver materializadas no filho as oportunidades que ela não teve, quanto as diferentes pessoas que estavam presentes e aplaudiram seu esforço e sua realização.</p> <p>Segundo Maitilde consegue perceber o orgulho de ter uma filha que se formou e que faz mestrado.</p>

Reafirmando Direitos: Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

<p>Beatriz Nascimento</p>	<p>Sua atuação profissional tem lhe rendido uma estabilidade financeira não experimentada por seus pais. Além disto, sua atuação como profissional de saúde procura levar em consideração seu lugar de origem e as pessoas com as quais convive e que usam o Sistema Único de Saúde.</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p>	<p>Ao mesmo tempo em que percebe que sua trajetória influenciou seus parentes mais próximos e mesmo a filha da vizinha, de quem foi babá, não conseguiu influenciar positivamente suas irmãs mais velhas, que experimentaram trajetórias escolares com muitas interrupções.</p>
<p>Ruth de Souza</p>	<p>SEM RESPOSTA</p> <p>Mesmo com dificuldades financeiras, seu pai fez questão de que Sueli Carneiro fizesse uma formatura. Depois veio o desemprego. A vida profissional seguiu atribulada. Trabalhou em uma escola referência em Educação Infantil em Maceió até passar em um concurso em Salvador e se mudar.</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p> <p>Revela que antes não pensava, mas agora começou a pensar. Planeja fazer pós-graduação (mestrado ou especialização) em uma faculdade particular para incrementar o currículo com títulos.</p> <p>Já tentou duas seleções para o mestrado, mas não conseguiu ser aprovada. No mesmo período, no entanto, fez uma seleção para uma especialização à distância, em universidade pública, e foi aprovada. No mesmo período, fez duas seleções para concursos e foi aprovada em ambas.</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p> <p>O fato de ter concluído o curso e não ter ingressado em um emprego, imediatamente, faz com que as pessoas aumentem a pressão em torno do emprego ou da aprovação em concursos.</p> <p>Embora muitos identifiquem com orgulho o lugar em que Sueli Carneiro chegou, ela gosta de lembrar sempre, a todos, o lugar de onde saiu e os desafios que precisou superar até se tornar professora.</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p> <p>Faz referência a uma prima que agora faz o curso de Letras na capital e precisa viajar todos os dias pra lá. A tia não queria deixar a prima fazer este trajeto e Sueli Carneiro ajudou no convencimento. A transição capilar vivida pela prima também se deve à influência de Sueli.</p>
<p>André Rebouças</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p> <p>Atualmente é gestora da cooperativa dentro de sua comunidade. Ao mesmo tempo em que tem levado o que aprendeu no curso para dentro da comunidade, está conseguindo levar a comunidade para dentro do sindicato.</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p> <p>Carolina revela que a graduação foi uma coisa inesperada e a pós é algo que já estão pensando. Estão se preparando em conjunto na universidade para tentar.</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p> <p>Não foi apenas sua mãe que a incentivou, mas toda a comunidade, pois ela foi a primeira da comunidade a ingressar na universidade.</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p>
<p>Carolina Maria de Jesus</p>				<p>SEM RESPOSTAS</p>

Reafirmando Direitos: Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

<p>José Correia Leite</p>	<p>José tem receio de não conseguir boas colocações em sua área de formação por não possuir muitos contatos; uma rede de relações. Sente que conseguir emprego na área é tão, ou mais difícil, do que arrumar estágio. No momento da entrevista estava esperando ser chamada em um concurso para orientador social da secretaria de assistência social.</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p>	<p>Tem uma percepção ambígua sobre como é visto pela família, já que ao mesmo tempo em que imagina que a família o admira, por não querer as mesmas coisas que a família quer, imagina que a família o toma como arrogante e uma pessoa que se acha muita coisa porque está no ensino superior.</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p>
<p>Milton Santos</p>	<p>No momento da entrevista, Milton aguardava resultados de duas seleções que fez: uma na TV local, afiliada ao SBT, e outra em uma universidade privada de uma cidade próxima, para o cargo de professor.</p>	<p>Poucos dias após a realização da entrevista, Milton Santos defendeu sua dissertação, abordando questões vividas e observadas durante seu intercâmbio. Já tentou o doutorado, mas foi reprovado na prova de inglês, uma deficiência sua.</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p>	<p>Revela que atualmente superou a fase em que as pessoas diziam que o sistema de cotas iria colocar analfabetos na universidade e ele reagia de modo diplomático. Hoje afirma que é um pouco mais rígido nas respostas.</p>

Tabela 27: Síntese das entrevistas acerca da vida após a graduação: região Norte

NORTE	TRABALHO DENTRO E FORA DA ACADEMIA	RELAÇÕES SOCIAIS COMUNITÁRIAS
<p>Codinome</p> <p>Lima Barreto</p>	<p>Ingresso ou mudanças na posição no mercado de trabalho durante e após a graduação</p> <p>Avalia que o conhecimento é um instrumento que pode retirar pessoas do espaço do desconhecer para o espaço do conhecer. Mesmo ainda não tendo atuado como cientista social, sua experiência como estagiário na escola permitiu ver a potência da atuação de um professor comprometido.</p>	<p>Mudanças na percepção das pessoas em sua rede de relações em relação à universidade e ao ensino superior</p> <p>O ingresso de Lima Barreto abriu as portas para o ingresso de seus dois filhos, sua esposa e uma vizinha. No caso dos filhos e da esposa, ele incentivou e ainda pagou cursinho para um dos filhos. No caso da vizinha, ele conseguiu o acesso no cursinho preparatório.</p>
<p>Zózimo Bulbul</p>	<p>Apesar de ser professor por formação, está atuando em uma escola, como assistente administrativo. Esta foi a área do concurso em que foi aprovado. Afirma que o pessoal da escola o apoia muito, dizem que ele irá longe, pois sabem que sua estada na escola é temporária, até terminar o doutorado.</p>	<p>Mudanças na percepção das pessoas em sua rede de relações a respeito dos entrevistados após a formatura</p> <p>Lima Barreto tornou-se uma importante referência e inspiração para sua família e sua vizinhança.</p> <p>Zózimo se tornou um exemplo para a rua e para a família. Segundo ele, sua entrada em um espaço visto como inalcantável representou uma quebra de paradigma e se converteu em inspiração para primos e tios, em especial para a tia de 50 anos que acabou de ingressar na UNIFAP e para a irmã de 5 anos que já diz que será professora.</p>

Reafirmando Direitos:
Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

<p>Mário de Andrade</p> <p>Embora reconheça a ausência de uma infraestrutura adequada para desempenhar seu papel de professor em sua plenitude, Mário se sente realizado por atuar com estudantes ribeirinhos e por realizar um sonho que era seu, mas era de seus pais também.</p> <p>Reconhece a importância de ter um diploma em uma universidade pública e gratuita como a UFAM, tanto em nível de graduação, quanto em nível de mestrado.</p>	<p>Avalia que não passou, na primeira vez que tentou, em razão da característica mais teórica da prova e a pequena valorização da prática. No ano em que foi aprovado, teria deixado a prática no projeto e privilegiou a teoria na prova.</p> <p>Atualmente, faz uma especialização em Desenvolvimento em Políticas Públicas na UFAM, apesar de querer ingressar diretamente no mestrado. Aleijadinho afirma que passou a pensar em fazer mestrado e doutorado para ser professor universitário e continuar trabalhar com populações indígenas e ribeirinhas.</p>	<p>Afirma que sua família já sentia orgulho, quando ele fazia Administração, mas o orgulho cresceu muito quando ele optou pela licenciatura. A partir daí, os pais, os avós e a vizinhança só o tratava como O Professor.</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p> <p>SEM RESPOSTAS</p>
<p>Aleijadinho</p>		<p>SEM RESPOSTAS</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p>

Tabela 28: Síntese das entrevistas acerca da vida após a graduação: região Sudeste

SUDESTE	TRABALHO DENTRO E FORA DA ACADEMIA	RELAÇÕES SOCIAIS COMUNITÁRIAS
<p>Codinoone</p>	<p>Ingresso ou mudanças na posição no mercado de trabalho durante e após a graduação</p> <p>Depois de concluir o mestrado, voltou a procurar emprego. Embora quisesse atuar na área de Planejamento Urbano, em que atuou na graduação, está atuando na área de geoprocessamento, em uma empresa que dá vários benefícios e em que o trabalho não é estressante. Ainda assim quer voltar a atuar na área.</p>	<p>Mudanças na percepção das pessoas em sua rede de relações em relação à universidade e ao ensino superior</p>
<p>Zumbi dos Palmares</p>	<p>O seu mestrado foi em planejamento e gestão de território, articulando dimensões raciais e as diferenças de habitações e de locais de moradia.</p>	<p>Mudanças na percepção das pessoas em sua rede de relações a respeito dos entrevistados após a formatura</p> <p>SEM RESPOSTAS</p>
<p>Elizeth Cardoso</p>	<p>No momento da entrevista, Elizeth estava atuando em três empregos: em um hospital municipal, na área técnica em um município da baixada e como professora substituta.</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p> <p>Elizeth se recorda que estudava em uma escola de maioria branca e um dia, ao ir ao banheiro, escutou colegas questionando uma amiga sobre as razões de ela andar junto com Elizeth, já que ela era negra. Apesar dos xingamentos e ofensas racistas serem recorrentes, esses assuntos não eram tratados nem na escola e nem em casa.</p> <p>Elizeth relata que, apesar de muitos não conseguirem compreender bem a quantidade de tempo dedicado aos estudos, percebe sua influência. Usa como exemplo o fato de a família evangélica ter começado a militar no movimento negro evangélico.</p>

Reafirmando Direitos:
Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

<p>Maria Firmina</p>	<p>Atualmente, trabalha no Tribunal de Justiça em um cargo de nível médio. Avalia que, no momento, está melhor do que se estivesse advogando, mas ainda quer melhorar na carreira. Em razão do emprego, tem uma vida tranquila, dentro do possível, mas sem regalias.</p>	<p>Chegou a pensar em fazer mestrado, mas acabou desanimando. Fez uma especialização em Processo Civil em uma universidade privada de Belo Horizonte.</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p>
<p>Solano Trindade</p>	<p>Depois de abandonar o trabalho de assessor em uma empresa de energia elétrica do Rio de Janeiro, atuou como bolsista e estagiário na universidade. Depois de ingressar na licenciatura, passou a alimentar o desejo de atuar como professor.</p>	<p>No momento da entrevista estava cursando o mestrado, estudando o Surgimento e as Dinâmicas de Funcionamento dos Coletivos Negros após a Implementação de Ações Afirmativas.</p>	<p>SEM RESPOSTA</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p>

Tabela 29: Síntese das entrevistas acerca da vida após a graduação: região Sul

SUL	TRABALHO DENTRO E FORA DA ACADEMIA	RELAÇÕES SOCIAIS COMUNITÁRIAS		
<p>Codinome</p>	<p>Ingresso ou mudanças na posição no mercado de trabalho durante e após a graduação</p> <p>Maria Auxiliadora da Silva revela que antes de ingressar na universidade trabalhou como balconista de padaria e de supermercado e também como operadora de caixa. Atualmente, trabalha em uma Contabilidade, na área de arquivo, mas revela o desejo de atuar em bibliotecas.</p> <p>Antes de ingressar na universidade, atuou como menor aprendiz na área de administração em uma empresa chamada CORSAN. Atualmente, atua na coordenação estadual de controle das ISTs e AIDS na secretaria de saúde e também como psicóloga clínica no turno inverso.</p>	<p>Envolvimento ou expectativa de ingresso na pós-graduação</p> <p>Concluiu uma especialização na área de Gestão da Comunicação e mídias digitais.</p> <p>Thereza nos concedeu a entrevista no mesmo dia em que iniciou o Mestrado em Saúde Coletiva pela UFRGS.</p>	<p>Mudanças na percepção das pessoas em sua rede de relações a respeito dos entrevistados após a formatura</p> <p>Não soube dizer.</p> <p>Segundo eles é uma grande satisfação para seus pais ter uma filha que se formou em universidade federal e que, além disto, está fazendo mestrado. Eles contam pra todo mundo.</p>	<p>Mudanças na percepção das pessoas em sua rede de relações em relação à universidade e ao ensino superior</p> <p>SEM RESPOSTAS</p> <p>SEM RESPOSTAS</p>
<p>Thereza Santos</p>				

Reafirmando Direitos: Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

<p>Já teve uma série de experiências profissionais ao longo e depois do curso. Trabalhou como garçoneite nos fins de semana, nos anos finais do curso. Atuou também como professora do ensino fundamental, médio e EJA, e como produtora de textos em uma revista.</p>	<p>Havia feito dois processos seletivos na UFPR, sem sucesso. No ano de 2016 decidiu que ia focar nos estudos e procurar diferentes processos seletivos abertos. Foi aí que encontrou o processo da UDESC e conseguiu passar.</p>	<p>Ao mesmo tempo que percebeu que sua mãe ficou radiante com sua aprovação no mestrado, diz que a mãe ficou preocupada pois agora seria discutir com Beatriz que, segundo a mãe, sempre tem razão. Virou também referência entre as amigas que, ao mesmo tempo que dizem que ela é crítica demais, solicitam sua ajuda na leitura de textos, por exemplo.</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p>
<p>No momento da entrevista Clementina de Jesus atuava como professora em uma escola técnica da cidade. Atuava em sua área de formação e gostava do trabalho, mas sempre se questionava a razão de nunca ter passado nas seleções para atuar nos hospitais da cidade. Conta que sempre passou nas provas teóricas, mas ficava nas entrevistas ou dinâmicas de grupo. Nunca deram retorno sobre o motivo de sua reprovação, mas fica intrigada com o fato de todas suas amigas passarem nas seleções para hospitais com enfermeiras majoritariamente brancas.</p>	<p>No período em que foi realizada a entrevista, Clementina de Jesus estava cursando uma especialização em saúde do trabalhador.</p>	<p>Revela que ficou surpresa com os comentários positivos feitos por uma amiga de adolescência. A amiga, também mulher negra, teria comentado em uma foto postada por alunos, nas redes sociais, que teria muito orgulho de Clementina de Jesus.</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p>

Reafirmando Direitos: Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

<p>Luiza diz que sua realização profissional atual é média, pois, apesar de gostar de sua atuação como apoiadora institucional da secretaria estadual de saúde, dentro do setor de HIV, ressenete-se de alguns aspectos. Afirma que sua atual coordenadora é meio atrapalhada na coordenação das equipes e que o modo de contratação, com recebimentos em apenas três parcelas por ano, atrapalha seus planejamentos mensais.</p> <p>O intervalo de tempo entre o fim do ensino médio e o início da graduação foi muito pequeno. Neste intervalo, Tia Ciata trabalhou em uma escola privada como faz tudo. Na graduação, atuou na iniciação científica e antes de ingressar no mestrado atuou, por um ano e meio, em um projeto ligado à Petrobras. Apesar de não ter iniciado sua carreira profissional, Theodoro se sente seguro e confiante de que vai encontrar algo bom. Ao longo de sua trajetória construiu uma boa rede de relações de pessoas e empresas e crê que sua formação em nível de Doutorado, no departamento de Engenharia Elétrica da UFSC, na condição de bolsista do CNPQ, vai lhe render bons frutos.</p>	<p>No momento da entrevista, estava cursando uma especialização que, segundo ela, iria contribuir na aquisição de conhecimentos e títulos que podem ser bem úteis na eventualidade de um concurso.</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p> <p>Luiza reflete que sua experiência acadêmica influenciou na mudança de sua própria visão de lugares profissionais que ela poderia ocupar, mas também impactou na visão de sua família sobre ela. Luiza diz que agora é vista, pelos mais velhos da família, como adulta e as pessoas validam mais suas intervenções.</p>
<p>Tia Ciata</p>	<p>Atualmente, Tia Ciata faz mestrado na área de Educação e é bolsista.</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p> <p>Tia Ciata brinca que pode estar sem emprego e pode continuar pobre como antes, mas a visão das pessoas sobre uma graduada e que agora está fazendo mestrado já muda bastante.</p>
<p>Theodoro Sampato</p>	<p>No momento da entrevista, estava realizando o doutorado em Engenharia Elétrica.</p>	<p>SEM RESPOSTAS</p> <p>Ajuza que as avaliações sobre sua trajetória são ambíguas, pois alguns acham positivo e outros nem tão positivo o fato de Theodoro continuar estudando até o Doutorado.</p>

Reafirmando Direitos: Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

Teresa Cristina	<p>Durante o curso, atuou no atendimento da SANEPAR e podia aproveitar os intervalos entre um atendimento e outro para estudar. No momento da entrevista, Teresa afirmou que atuava em sua área, ainda que como professora contratada de Sociologia, e não concursada. Revela que, por haver poucos professores da área formados na região, consegue aulas do início até o fim do ano.</p>	<p>Teresa ingressou no mestrado em educação procurando entender as razões que faziam com que muitos jovens negros não tentassem ingressar na universidade por meio das cotas, o que provocava o fenômeno de vagas ociosas nas reservas de vagas.</p>	<p>Avalia que o fato de se apresentar, ou ser reconhecida, como professora ou aluna da Pós-graduação faz uma diferença grande no tipo de relações e no respeito atribuído a ela. No entanto, admite que o estereótipo não ajuda muito e compete com o reconhecimento imediato de sua condição de professora ou estudante de pós-graduação.</p>	SEM RESPOSTAS
Veridiano	<p>Atualmente, trabalha em sua área de formação, como fonoaudiólogo. Presta serviço em duas empresas, que o chamam a depender da demanda, e faz alguns atendimentos particulares.</p>	<p>A realização da especialização, em sua área de atuação profissional, relaciona-se à crença de Veridiano de que a gente não pode parar, porque a gente é muito cobrado. A cor da pele traz esse peso pra gente, eu acredito.</p>	<p>Veridiano relata que é recorrentemente tratado como doutor, pelos amigos e pela família, e dá risadas, pois sabe que doutor é quem faz doutorado. Isto indica a mudança do modo como é visto e que se junta às mudanças em sua própria mudança de visão sobre ele e sobre o mundo.</p>	SEM RESPOSTAS
Joaquim Barbosa	<p>Atualmente Joaquim Barbosa está fazendo mestrado em Direito e construindo seu percurso acadêmico com o objetivo de ser professor universitário. Desde a graduação, está fazendo curso de oratória e julga que já melhorou bastante, inclusive, para poder conceder a entrevista para a pesquisa. Tem pretensão de mudar de área no Doutorado e investir um pouco mais na dimensão didática.</p>	<p>Joaquim Barbosa ingressou no mestrado em Direito na FURGS, na condição de cotistas. Embora revele que a instauração de reserva de vagas na pós, e sua aprovação, tenha sido uma vitória, revela também as discriminações que viveu justamente neste período, vindo de um professor do curso.</p>	<p>Diz que a visão da família dele alterou bastante, pois foi o primeiro da família, depois da mãe e da tia, a cursar o ensino superior. Passou, inclusive, a atuar como consultor à distância da família.</p>	SEM RESPOSTAS

Reafirmando Direitos: Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro

<p>Juliano Moreira</p>	<p>Juliano Moreira revela que o trabalho que tem como médico do PSF, no posto de saúde de Pirabeiraba, alterou totalmente a vida da família, já que agora ele consegue ajudar o pai que é pedreiro e a mãe que é doméstica.</p>	<p>Já concluiu uma especialização, mas pretende juntar dinheiro para cursar uma residência médica no futuro breve.</p>	<p>Ao mesmo tempo em que relata uma mudança de olhares sobre ele, afirma que os olhares de estranhamento e preconceito ainda são grandes, quando os pacientes chegam para serem atendidos e perguntam: 'onde está o médico?'</p>	<p style="text-align: center;">SEM RESPOSTAS</p>
<p>Luiz Gama</p>	<p>No último ano do curso de Direito Luiz estava bastante apreensivo, pois tinha que se formar, passar na prova da OAB e se preparar para arrumar um emprego. Foi quando recebeu o convite para atuar em um escritório, com a promessa de aumentar seu salário, assim que tivesse carteira da OAB. Não só recebeu o aumento como foi convidado a se tornar sócio do escritório dois anos depois. Ainda planeja novos voos, mas admite que gosta de sua atuação atual.</p>	<p>Afirma que desde o ensino médio queria ser professor, mas não teve coragem de escolher licenciatura. Na universidade, descobriu que podia ser professor do ensino superior. O Doutorado em Direito é um caminho para se preparar para a docência na universidade.</p>	<p>A principal mudança que identifica foi deixar de ser ajudado pelos pais e passar a ajudá-los. Sua mudança de renda também lhe permitiu morar sozinho, viajar e adquirir coisas.</p>	<p style="text-align: center;">SEM RESPOSTAS</p>

3.2.3.1 Trabalho dentro e fora da academia

A mobilidade social ascendente experimentada pelos(as) entrevistados(as), em relação a seus pais, ou mesmo em relação a suas ocupações antes do ingresso na universidade, é evidente. Entre aqueles que estão trabalhando no momento, existe a certeza de que a condição de trabalho dos entrevistados(as), mesmo considerando o fato de se encontrarem ainda no início da vida profissional, é relativamente confortável.

Se eu não tivesse feito o curso estaria trabalhando em outro emprego, claro que ainda estou aquém do que eu quero, posso dizer que estou melhor do que se estivesse advogando. Não tenho ganho material grande não, o meu salário não é alto, mas eu tenho umas regalias, trabalho meio período, moro sozinha, possibilitou que eu viajasse para o exterior duas vezes. Eu tenho uma vida confortável dentro do possível, não passo grandes dificuldades, mas também não posso fazer extravagâncias. As pessoas têm uma mentalidade de quem trabalha no tribunal ganha muito dinheiro, mas é relativo. O meu cargo não é de nível superior, é de nível médio, mas eles não contratam assistente que não tenha curso superior em Direito. (Maria Firmina - Sudeste)

Ah, eu trabalhei como agente de telemarketing de uma empresa de produtos de cabelo, e eu fui menor aprendiz, então, eu fiz um curso quando eu tinha dezesseis anos, aí eram dois anos de curso e depois dos dois anos de curso que era um curso de Administração, no SENAI, aí depois dos dois anos de curso a gente tinha seis meses de prática em alguma instituição que eles iam nos encaminhar, aí eu fui pra CORSAN. E aí na CORSAN quando terminou o período eu já tinha dezoito anos e eles pediram pra eu ficar como terceirizado né, aí eu fiquei seis meses na CORSAN mas aí deu todo um problema com os

terceirizados aí todo mundo saiu, mas foi logo ao mesmo tempo que me chamaram pro vestibular então deu tudo meio certo assim. Agora eu componho a coordenação estadual de controle das ISTs AIDS aqui na secretaria estadual de saúde e também sou psicóloga clínica, atendo numa clínica, né. No turno inverso. Eu trabalho na área que me formei no consultório, lá no estado eu sou apoiadora institucional, então poderia ser de qualquer curso da saúde. E eu fiquei sabendo através da indicação da uma amiga que falou: ‘a Jéssica até que falou que tinha essa vaga’ aí eu fiz o processo seletivo, que era uma entrevista e deu certo. (Maria Aparecida - Sul)

Eu costumo sempre dizer que eu venho de uma família humilde, pobre mesmo do interior da Bahia, preto, então, assim, eu falo especificamente da minha atuação na saúde porque eu faço atendimento ao público externo, já na empresa é o público interno, é uma outra característica. Então, eu costumo dizer que o meu pai hoje usa o Sistema Único de Saúde, então eu imagino como é que eu quero o meu pai sendo tratado ali. E é do jeito que eu quero que o meu pai seja tratado que eu quero que trate os usuários, os pacientes que entram lá. Então, a gente precisa fazer o tempo inteiro esse trabalho de se colocar no lugar do outro. Sobre o ponto de vista humanista eu estou satisfeita, do ponto de vista profissional também, ganho bem, tenho casa própria, tenho carro, só não tenho dinheiro na poupança ainda, mas o dinheiro está investido no apartamento e no carro. Hoje eu tenho condições de pagar um plano de saúde para a minha mãe. (Beatriz Nascimento – Nordeste)

E em 2014 eu fiz basicamente isso, fiquei o ano inteiro estudando para concurso e fazendo aquele curso do pós-afirmativo, preparando e foi um ano bem difícil porque eu me sentia muito insegura e não tinha a menor noção se ia dar certo,

se eu iria conseguir alguma coisa. Mas deu tudo certo, graças a Deus. No final de 2014 eu soube que eu passei no mestrado e quando foi em março de 2015 eu fiz o concurso que eu passei e estou trabalhando agora. E em junho de 2015 eu fui chamada no concurso. Então eu já estava fazendo o mestrado, estava ganhando bolsa no mestrado e pagava as minhas contas, não ficava totalmente dependente, e no final do primeiro semestre do mestrado eu comecei a trabalhar, tomei pose no concurso. (Lélia Gonzales – Centro-oeste)

Interessante observar que, para além das condições de vida mais dignas, alguns(mas) dos(as) entrevistados(as) revelam um forte compromisso social e familiar associada ao ofício e ao salário recebido; procurando retribuir e compartilhar parte daquilo que já receberam ao longo da trajetória.

Eu costumo sempre dizer que eu venho de uma família humilde, pobre mesmo do interior da Bahia, preto, então assim, eu falo especificamente da minha atuação na saúde porque eu faço atendimento ao público externo, já na empresa é o público interno, é uma outra característica. Então eu costumo dizer que o meu pai hoje usa o Sistema Único de Saúde, então eu imagino como é que eu quero o meu pai sendo tratado ali. E é do jeito que eu quero que o meu pai seja tratado que eu quero que trate os usuários, os pacientes que entram lá. Então a gente precisa fazer o tempo inteiro esse trabalho de se colocar no lugar do outro. Sobre o ponto de vista humanista eu estou satisfeita, do ponto de vista profissional também, ganho bem, tenho casa própria, tenho carro, só não tenho dinheiro na poupança ainda, mas o dinheiro está investido no apartamento e no carro. Hoje eu tenho condições de pagar um plano de saúde para a minha mãe. (Beatriz Nascimento – Nordeste)

Estou na minha comunidade, dentro da associação, e também estou levando o povo para dentro do sindicato. Então estou exercendo o trabalho. Sou uma gestora de cooperativa. (Carolina Maria de Jesus – Nordeste)

É um sonho realizado, que até então era um sonho sonhado pelos meus pais, mas já no ensino médio era um sonho meu também. Foi uma realização de suma importância, como era uma correria, porque eu precisava do meu diploma, eu não me formei junto com a minha turma. Eu precisava do meu diploma para ingressar no meu curso. Eu tive uma solenidade especial, só com os meus pais e o diretor do instituto de exatas, mas fiquei muito emocionado quando fui ler o discurso. Em um dos trechos do discurso eu dizia assim e até hoje falo para os meus alunos: ‘eu faria tudo pela educação na Amazônia, só que eu pensei que daria aula na capital, que sairia de casa de carro para a minha escola e ia para a minha sala de aula com ar condicionado. Só que a minha realidade, a partir de 2013, eu dou aula na área ribeirinha, sem acesso à internet, sem ventilador, o meu transporte não é o carro e sim uma rabeta, então, de fato, aquele momento que jurei fazer de tudo pela educação da Amazônia, eu não imaginei que daria aula na Amazônia mesmo, na área ribeirinha. No primeiro momento foi impacto, mas me sinto muito feliz e satisfeito de trabalhar com os alunos que são de certa forma excluídos do centro urbano, pela falta de internet, pela falta de energia elétrica, 24 horas, mas apesar dessas dificuldades, eu acredito que eu consigo fazer o melhor dentro da minha sala de aula. (Mário de Andrade - Norte)

Por outro lado, merece destaque o fato de que são justamente os mais jovens, ou aqueles que se formaram recentemente, os(as) que relatam maiores dificuldades de inserção no mercado de trabalho.

Estou procurando emprego. A maior dificuldade minha é a rede de contatos. Esse estágio que apareceu foi um milagre que aconteceu, porque é muito difícil de achar em Ciências Sociais e quando tem praticamente a gente já sabe quem vai ganhar (...). Estou procurando, mas com muito medo de ter que trabalhar fora da minha área. Eu já pensava nisso e tinha essa noção, quando eu ainda estava dentro do curso, aí eu fiz concurso, passei, e estou esperando ser chamado para orientador social da secretaria de assistência social do município. (José Correa Leite – Nordeste)

Recentemente, eu fiz uma seleção para a TV aqui local, TV Difusora, que é afiliada do SBT, estou esperando resultado, e também fiz seleção para uma universidade particular, numa cidade próxima, e estou aguardando resultado. Na faculdade para professor. (Milton Santos – Nordeste)

Não resta dúvida que o conhecimento é um instrumento de poder, não para afrontar ninguém, e isso tira a gente de um espaço de desconhecer para um espaço do conhecido. Só fui valorizar o meu trabalho a partir da minha formação. Como cientista social, eu ainda não atuei. Mas quando estagiei na escola que está de dentro do espaço da faculdade, praticamente, a pergunta que eu fazia para os alunos do terceiro ano era e aí, vocês vão fazer o Enem, vão para a universidade, aquele muro, que para mim era intransponível, para eles também é e eles estão dentro da universidade, é só o muro mesmo que separa. A professora disse que ano passado passou uma aluna na Unifap da nossa escola. Eles nem cogitam a possibilidade de fazer o Enem para entrar. Então acho que o professor acaba não exercendo o seu papel de estimular, de falar que é possível vencer essa barreira, esse muro intransponível. (Lima Barreto – Norte)

O ingresso na Pós-graduação também parece estar diretamente relacionado com o mercado de trabalho e com a empregabilidade, à medida que alguns ingressam no mestrado ou na especialização como forma de não enfrentar, de modo imediato, a dura realidade da competitividade, e outros ingressam para disputar, de modo mais qualificado, uma posição neste mercado.

Foi no oitavo semestre da UEFS quando faltando um ano para você concluir a graduação e você vê que o mercado de trabalho para economista na Bahia é extremamente complicado, aí você começa a pensar uma estratégia de sobrevivência para além da graduação. Aí saí de uma bolsa de 400 reais e fui para uma bolsa de 1.500 reais. E lembrava do meu professor Titico que já citei falando, 'quanto mais você estuda menor a possibilidade de ter um salário baixo'. E com o mestrado, vou conseguir me inserir melhor em uma situação de concurso e tentar o mercado de trabalho. Lembro que eu li nessa época uma reportagem que saiu na revista Exame, fazendo uma comparação entre o cara que tem mestrado, o cara que tem MBA e o cara que só tem a graduação. E hoje as empresas estão valorizando mais o profissional que tem um mestrado porque o nível de exigência de um mestrado é muito maior do que quando você faz uma especialização ou um MBA. E eu tenho um desejo de voltar para academia como professor universitário e vou tentar a seleção agora da UEFS. E agora que estou terminando o mestrado surgiu a oportunidade de entrar para o doutorado mas como eu passei na seleção para o Reda, e é na minha área, e o meu currículo tem muita coisa mas está faltando experiência profissional, então o meu desejo do doutorado vai esperar um pouco. (Abdias do Nascimento – Nordeste)

Eu não pensava, nem na minha segunda graduação eu pensava. Na verdade, eu só fui pensar em fazer quando eu participei de um projeto de um professor do curso de pedagogia que tinha cadastrado uma proposta no edital do Mec, sobre violência nas escolas, foi aprovado, daí ele precisava de vincular alguns bolsistas nesse projeto dele e eu ainda era aluno do curso de Direito, estava terminando o curso e tinha a possibilidade de ser bolsista, porque esse edital do Mec não fazia nenhum tipo de impedimento pra que eu fosse bolsista, mesmo eu sendo funcionário da instituição, mesmo tendo vínculo empregatício, não tinha problema nenhum ser bolsista. Esse professor me convidou pra fazer parte desse observatório que discutia a violência nas escolas, e eu comecei a participar e comecei a conversar muito com ele e com uma outra professora sobre a possibilidade de fazer mestrado. Foram eles que me inspiraram e me incentivaram bastante. E eu só pude perceber depois, conversando muito com a minha orientadora, que não pensar na pós-graduação como uma possibilidade tinha muito a ver com a coisa da condição de negro e achar que, primeiro, a universidade não é espaço para gente, e segundo, que a pós-graduação não é espaço para gente. Acho que como eu não tinha muita vivência, muito debate com essa coisa dos intelectuais negros, eu não me via como pesquisador, não me via como cientista, não me via como alguém que pudesse ter um doutorado e talvez ministrar aula em uma universidade um dia. Esse contato com esses professores e depois já estando no mestrado, as conversas que eu tive com a minha orientadora foram muito importantes para eu conseguir perceber isso. (Cruz e Souza – Centro-oeste)

Assim é... como eu falei no início, eu o... definir minha graduação no último ano no ensino médio o direito, o direito apareceu no finalzinho do ensino médio, mas uma coisa eu

sempre tive certeza na minha vida desde que eu me entendo por gente, como enquanto ser estudante, comecei seis, sete anos eu sempre tive muito claro que eu queria ser professor, mas eu nunca tive, eu não tive a coragem no ensino médio de fazer o vestibular pra uma licenciatura, eu queria fazer História, mas acabei não tendo coragem, mas eu sempre quis ser professor. Quando eu entrei, logo que entrei eu descobri que eu podia ser professor da universidade aí... (Luiz Gama – Sul)

Alguns dos(as) entrevistados(as) que relataram estar cursando a pós-graduação, ou já terem cursado, afirmam que seus objetos de estudos estão diretamente associados a suas identidades pessoais e coletivas e a projetos sociais dos quais participaram ao longo da graduação.

Em Macaé, tinha um movimento negro que eu tinha mais aproximação, eu fiz a prova para o doutorado e descobri que naquela região está se concentrando muita comunidade quilombola e eu não conhecia e fui conhecer. E aí me interessei em fazer doutorado para trabalhar com alguma coisa de negro e comida, porque já deu o tempo de ficar distante desta temática. (Elizeth Cardoso – Sudeste)

O meu mestrado é em Planejamento e Gestão de Território ligado a questões raciais. A minha hipótese é que por conta do racismo até nas favelas e nos lugares precários você tem diferenças de habitação e de locais de habitação entre brancos e negros e também entre homens e mulheres. Por eu trabalhar na secretaria de habitação, eu tinha todos os dados e por ter pego uma fase em que praticamente todas as favelas grandes da cidade entraram em processo de regularização ou urbanização. E entrei nessa discussão, planejamento tem um problema de raça, que pensa em remover essas pessoas, pensam no ambiente sem as pessoas e quem são os nômades urbanos é a enorme população preta. (Zumbi dos Palmares – Sudeste)

Entre aqueles que, após terem tentado ingressar na pós-graduação, não foram aprovados(as) em um ou mais processos, as avaliações críticas que fazem sobre o teor dos processos seletivos e as dificuldades de conciliar a vida com o trabalho e os estudos merecem destaque.

Eu acredito que é a questão da prova ser muita teoria. Acho que o processo em si acaba te excluindo, não aproveita o conhecimento que o profissional tem de sala de aula, ele prioriza muito a parte teórica. Quando fui reprovado eu havia feito na prova dissertativa, muitas considerações profissionais e poucas teóricas. Esse ano que passei, me baseei melhor, deixei a parte profissional de lado, e foquei mais na parte teórica. A parte profissional veio no projeto e eu fui bem avaliado. (Mário de Andrade – Norte)

Depois de um ano do fim do meu casamento, eu não aceitava relacionamento nenhum, mas aí conheci um rapaz e a gente começou a namorar e era uma pessoa muito do bem, que me ajudou bastante, uma pessoa muito humana e estudava ele na casa dele e eu na minha casa pra concursos e mestrados. Aí veio outra frustração, não passo novamente no mestrado, nesse caso eu já participava do grupo de estudos com a Nanci. Três colegas de grupo passaram no mestrado e eu estudei muito, li todos os livros, mas, no dia da prova, eu sempre tive problemas com a menstruação, então estava com cólica muito forte, a prova foi num auditório horroroso, que as pessoas ficavam grudadinha, o que eu achei um absurdo, me deu até branco de verdade. Fiquei feliz pela minha colega que passou, que já era mais velha e se ela não passasse ela iria desistir. A Nanci até me pediu pra ajudar ela, eu ajudei e fiquei feliz. Eu não passei no mestrado, porém eu participei de uma seleção pra especialização numa faculdade pública, à distância, em direitos humanos. Consegui ser aprovada. Continuei estudando e fazendo todos os concursos que apareceram nas prefeituras

e passei em dois, não de Maceió. Em um eu fui chamada, em 2010, aí a cidade teve uma cheia, eles iam chamar de imediato e não chamaram por causa da cheia. Só chamaram no final de 2010 pra 2011. Fui, tomei posse, fiquei muito feliz, só que esse concurso não era estatutário, ele era Celetista (CLT), até então eu não sabia dessa diferença. (Sueli Carneiro – Nordeste)

3.2.3.2 Relações sociais comunitárias

Dentre os(as) mais de trinta entrevistados(as), poucos foram aqueles que fizeram referências diretas às mudanças de percepção das pessoas da rede de relações em relação a universidade e ao ensino superior. No entanto, aqueles(as) que trouxeram esse relato, fizeram questão de dizer como suas trajetórias pessoais, inovadoras no contexto da comunidade ou da cidade, contribuíram para alimentar aspirações também ousadas em familiares e vizinhos(as).

Eu acredito que sim porque hoje eu tenho um primo que está com 7 anos de idade e uma sobrinha com 14 anos e outros dois primos que hoje olham para mim e dizem que quando crescerem querem ser iguais a mim. Dizem que querem estudar, ter uma formatura e esse primo de 7 anos, ele foi para a minha formatura e diz que quer se formar também. E eu vejo isso criou nas minhas tias uma maturidade de estimular os filhos a estudar para também ter uma graduação. Mudou a mentalidade, mudou a forma de como as pessoas veem o estudo positivamente. (Abdias do Nascimento – Nordeste)

Tenho uma sobrinha, que depois conseguiu ingressar numa universidade graças a mim que a incentivou fazer Enem, a se inscrever no Sisu pra Pedagogia. Tenho outro sobrinho que está querendo entrar também, e percebo que pelas coisas que a minha irmã fala, que eu sou uma referência, sou um modelo

e eu fico feliz com isso. Apesar da gente saber, depois que a gente está nesse espaço, que o lugar que a gente chegou não é nada, né? Ter chegado a um mestrado, ter duas graduações não é nada. Ainda estou na metade do caminho. Mas acho que para a família isso teve um impacto muito grande, pra família muito humilde, que fez até a quarta série, até a primeira série, ter um filho mestre é praticamente ter um intelectual na família. Como se fosse um doutor mesmo. (Cruz e Souza – Centro-oeste)

Eu fui babá da filha da minha vizinha e a filha da minha vizinha me tem como referência. Eu fui um bom exemplo. Meu irmão entrou na universidade também por conta de mim. Já as minhas outras irmãs são mais velhas, tiveram outras trajetórias, tiveram várias interrupções na trajetória escolar porque saíam pra trabalhar, aquela coisa: menina do interior que vai trabalhar na casa de família, então estuda se der, se não der não estuda. Um conseguiram concluir o ensino médio com muita dificuldade, uma não conseguiu, mas, assim, não pensam, nunca projetaram a universidade como uma possibilidade de futuro. (Beatriz Nascimento – Nordeste)

Foi um significado muito positivo. É tanto que os meus filhos passaram também. A prova mais concreta disso é o fato dos meus filhos terem passado também. Um faz Filosofia em Santana e o outro faz Ciência da Computação na Unifap. Quando eu vi a nota da Ciência da Computação eu falei, filho, é muito alta, e ele disse, não pai, eu vou conseguir. E ele se esforçou bastante e conseguiu. O outro estava no comércio, trabalhando e eu falei para ele sair e ir fazer um cursinho que eu pagava pra ele, e assim ele fez e estudou só três meses, fez o Enem e passou também. Final desse ano ele forma. E a minha esposa passou um ano depois também em Filosofia no campus de Santana. Uma vizinha, na época que eu passei no

vestibular a minha esposa soltou uns fogos e ela foi saber o que tinha acontecido e eu contei e isso foi muito impactante para os vizinhos. E essa vizinha, eu consegui o cursinho pra ela e ela passou também e até hoje ela tem uma grande gratidão porque eu inspirei ela. (Lima Barreto – Norte)

Embora os relatos anteriores já antecipem algumas das mudanças que a trajetória de nossos egressos causou na vida de suas famílias e comunidades, os relatos sobre mudanças na percepção das pessoas em sua rede de relações a respeito dos entrevistados após a formatura são ainda mais evidentes. Destaca-se, de modo geral, o orgulho pelo esforço empreendido pelos filhos, sobrinhos, vizinhos. Apesar do reconhecimento da positividade das trajetórias, o júbilo coletivo parece reconhecer o fato de que tais trajetórias não se fizeram de modo solitário.

A minha família, a minha mãe e a minha tia, especialmente, elas veem em mim um potencial para chegar a lugares que a minha tia mesmo acha que eu deveria seguir a carreira jurídica mesmo, ter feito concurso para magistratura, ela acha que eu levo jeito para essas coisas. Eu já acho que eu não tenho nada a ver com o Direito. Fiz Direito, gostei muito de aprender um pouco mais, a enxergar algumas coisas da sociedade, o conceito de cidadania, de justiça, de direitos humanos, sei lá, tem um monte de coisas que foi se alinhando pra mim, inclusive na psicologia, a partir do conhecimento jurídico. Acho que não tenho nada a ver com o Direito, mas a minha mãe e a minha família acreditam muito no meu potencial e me vê como o filho inteligente da família. (Cruz e Souza – Centro-oeste)

Eu virei o exemplo da rua, da família, quebrei o último paradigma de que só conseguiria ter acesso à universidade quem tinha recursos, e ainda tinha isso na minha família. E quando eu me formei eles viram, um cara nosso, daqui, que a

gente conhece ele totalmente e que terminou uma universidade. Então não é algo assim inalcançável, é difícil, mas é possível. Virei exemplo para meus primos, para os tios, para uma tia de quase 50 anos que entrou agora na Unifap. Hoje a minha irmãzinha, minha mãe já começa a educá-la para fazer uma universidade, ela fala que quer ser professora, eu até falo para ela tentar outra coisa (risos) mas ela é criança e não entende ainda. Então virei um exemplo, um incentivo, quebrei um paradigma. (Zózimo Bulbul - Norte)

Quando eu entrei as pessoas não acreditaram. Levei um choque também porque nem eu acreditava que estava lá dentro da UFRN, que é uma universidade pública, para mim era pública, mas não para negros assim, de imediato, achava que assim era só para as outras pessoas. Quando você está dentro é que você vai vendo os obstáculos, você vai ultrapassando. Mas foi muito bom, tive muito apoio na comunidade, todo mundo apoiou, me ajudava, minha mãe me apoiou, todo mundo achou bom porque nunca ninguém tinha entrado na universidade. Se fosse para pagar eu não teria condições. Essa graduação foi uma coisa inesperada na minha vida, agora a gente está tentando fazer uma pós, um professor está olhando lá, se conseguir a gente estará lá dentro de Deus quiser! (Carolina Maria de Jesus – Nordeste)

Ahh, sim, às vezes, dependendo o lugar que eu vou é na casa dos amigos eles dizem que eu sou doutor, mas eu dou risada, porque nada a ver, doutor é quem tem doutorado não tem nada a ver. A minha família então também né bem feliz assim por a gente ter uma formação né, uma formação e mais conhecimento, eu sempre digo pra todo mundo que o fato de tu conviver dentro de uma universidade já muda completamente tua cabeça, tu pode nem estar estudando né, mas tu convive

com pessoas diferentes, com realidades e fora o conhecimento as oportunidades né. (Veridiano – Sul)

Embora seja relevante destacar os aspectos positivos experimentados por nossos entrevistados após a conclusão da graduação, ou do mestrado, é importante destacar entre determinadas experiências, de que todos os entrevistados querem se distanciar, uma que se mantém ativa: o racismo. Os relatos abaixo parecem sinalizar que, embora possuidores da chave da promessa moderna de se tornar alguém na vida, o racismo à brasileira permanece como instrumento sutil e silencioso de tentar devolver estes sujeitos à invisibilidade e aos lugares subalternos das suas gerações anteriores.

Ainda tem preconceito né porque, é claro, que tem as pessoas chegam lá pra serem atendidas por mim e perguntam quem vai ser o médico essas coisas entendeu então tem sempre tem de olhar de surpresa que você percebe olhar de surpresa se você é o médico ali. (Juliano Moreira – Sul)

Muda né a relação com a gente, as pessoas respeitam mais, até nos espaços que a gente vai, quando a gente chega assim a o estereótipo não ajuda muito, não ajuda exatamente por essas questões sociais, mas você chega no espaço você é tratada de uma maneira, quando você se apresenta como professora ou aluna da pós-graduação da federal, muda totalmente né, então todas as relações sociais acabam sendo permeadas. (Teresa Cristina – Sul)